

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

EDSON PORTO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil

Entrevistado – Edson Porto (EP)

Entrevistadores – Simone Kropf (SK) e Tamara Rangel (TR)

Data – 17/10/2006

Local – Brasília/DF

Duração – 2h05min

Obs.: os profissionais que atuaram neste projeto não realizaram a conferência de fidelidade da entrevista.

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PORTO, Edson. *Edson Porto. Entrevista de história oral concedida ao projeto Brasil um imenso hospital: Ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 83p.



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

Data: 17/10/2006

Fita 1 - Lado A

SK - ... de 2006. Temos o prazer de estar aqui entrevistando o doutor Édson Porto em Brasília. Eu, Simone Kropf com Tamara Rangel no apartamento dele na Super Quadra Sul.

EP - 116, Bloco D.

SK - Bloco D de dado. Eu vou botar o gravador aqui e depois se a gente for olhar a gente tira aqui o álbum das fotografias. O Dr. Ernesto está mostrando aqui uma série de fotografias aqui pra gente, né. Dr. Ernesto a gente começa em geral, assim, essa conversa...

EP - Dr. Édson!

SK - Oh, perdão! Eu lembrei do Doutor Ernesto Silva que é outro que tá na nossa lista. Só que ele tá viajando agora no momento.

EP - Ele é historiador também.

SK - Ele é, né? Eu estava lendo o livro dele agora no... Vindo pra cá, lendo o livro dele. Mas doutor Édson, a gente começa em geral assim, conversando assim, até um pouco sobre de onde o senhor... Onde o senhor nasceu? Onde é o que o senhor se formou? O senhor estava falando que o senhor é mineiro, é isso?

EP - Exato. Eu sou de Tramineiro¹, nasci em Araguari.

SK - Araguari.

EP - Araguari. E sou de ...(pensando). Três de outubro em 1931. Apesar de estar registrado em meu nascimento no dia 11, mas é que naquela época se pagava multa quando havia algum atraso, então quando havia algum atraso no registro.

SK - Araguari é perto de Uberaba?

(Toque da campainha)

EP - Há 26KM de Uberlândia e a 100KM aproximadamente de (?).

SK - E os seus pais faziam o quê?

¹ Nasceu em Tramineiro?

EP - O meu pai, sou descendente de Libanês, quer dizer, então nós morávamos ali em Araguari e tínhamos um pequeno hotel que era o comércio e um pequeno armazém como libanês geralmente tinha.

SK - Comerciante.

EP - Isso antes de ele ser mascate naquela região do Triângulo Mineiro. Ele vivia viajando, entre Araguari, Uberaba e ... E Uberlândia, né.

SK - E ele chegou quando?

EP - Isso, sinceramente eu...

SK - Já havia muito tempo quando o senhor nasceu?

EP - Ah, tem muito tempo.

SK - Chegou pequeno talvez?

EP - Não, não.

SK - Ele já chegou crescido?

EP - Já chegou aí com seus 28, 30 anos.

SK - Ah, sim! Já chegou adulto, né?

EP - Que quando chegaram aí no Brasil, ele e mais dois irmãos. Aqueles aventureiros, né, aqueles que não faziam dinheiro.

SK - Ah, era muito comum isso.

EP - Rico não vem pro Brasil (?).

(Risos)

SK - E a sua mãe era da região?

EP - A minha mãe era mineira. Era de outra cidade perto de Araguari, era Coromandel.

SK - Como? Coro...

EP - Coromandel.

SK - Coromandel?

EP - É. Fica próximo a Abadia dos Doramis. São cidades pequenas que tem ali no Triângulo.

SK - E essa cidade Araguari como é? Ela... Qual era a atividade econômica? Era o quê a região? Na região?

EP - Ela tinha (?) da terra. Então a agricultura dele era muito explorada, por causa do problema do arroz e uma agricultura que pouca gente se interessava que era o maracujá. O clima era muito propício a isso. Agora, engrandecia isso a condições da água da Araguari. Que a água de Araguari realmente era muito espetacular.

SK - Favorecia ao cultivo.

EP - E isso favorecia e mais o vento que é uma região um pouco mais alta. Haja visto que o nome original dela era Ventania.

SK - Ventania?

EP - Uberlândia era São Pedro de Uberabinha.

SK - Olha, eu não sabia disso! São Pedro de Uberabinha.

EP - São Pedro de Uberabinha, que hoje é uma metrópole.

SK - É verdade! E aquela é uma região muito próspera, né, já era nessa época, doutor Édson?

EP - Ela, ela... Uberlândia ela desenvolveu realmente graças a Goiânia. A Goiás! Que quando se então fez Goiânia, tudo que se havia necessidade era de... Vinha de Uberlândia devido a facilidade do trânsito que havia uma estrada que se passava por ali.

SK - Ligava o Triângulo a Goiânia?

EP - Exato. E graças depois aos políticos inteligentes que tiveram que aquilo evoluiu demais. Você vê, Araguari era realmente do tamanho de Uberlândia. Ela não teve o mesmo desenvolvimento. Nós temos um exemplo aí em que o... A Souza Cruz queria montar a fábrica em Araguari, impuseram tantas exigências que ela foi para Uberlândia que ofereceu várias vantagens inclusive incentivo fiscal. E você vê, logo de início ofereceu 3 mil empregos. E hoje vê o quê que é a Souza Cruz?

SK - Pois é! É, porque o senhor está dizendo... O senhor nasceu em 31, né, então Goiânia logo depois, então o senhor pegou esse momento de crescimento da região?

EP - Quando eu saí... Quando eu me formei no Rio, já sabendo de antemão que não ia (?) na minha terra. Devido a quantidade de parentes que se tem né.

SK - A sua família era muito grande?

EP - Era, era. Família muito grande. Então... Éramos quatorze irmãos.

SK - Quatorze irmãos!

EP - Éramos quatorze irmãos.

SK - E o senhor é o quê? Tá no meio ou é mais... É algum dos mais velhos?

EP - Fiquei sendo o caçula.

SK - Ah, o senhor é o caçula!

EP - É. Porque o que nasceu após de mim faleceu com dois ou três meses de (?).²² E eu fiquei sendo o caçula. Então ficamos em treze.

SK - Nossa! Uma família grande então. E o senhor fez os estudos primários lá mesmo?

EP -É, eu fiz o curso primário... Não aí... Veja bem, eu nasci em Araguari, aí mudamos, depois dois anos lá, mudamos para Monte Carmelo, uma cidade menor. E em Monte Carmelo então eu fiz o primário. Inclusive tem até um detalhe muito interessante que o meu diploma do primário não tem valor nenhum.

SK – Por que?

EP - Porque quando eu nasci, os meus pais não me mandaram registrar como Eduardo Édson Porto Curvinel. Isso em Araguari. Bom, e quem foi fazer o registro foi o meu irmão. Esse meu irmão então não disse nada, falecido, crente que eu então tava... Não exigiram a certidão de nascimento, então deram o meu nome, que tinham mandado ser registrado. Eduardo Édson Porto Curvinel, quando eu... Aí bom, aí... Eu fui, eu estava de férias, fui em Araguari depois que terminei o primário. Eu falei: “Vou fazer agora o ginásio, vou fazer em Araguari.” Aonde morava uma irmã. Aí bom, aí exigiram então a certidão de nascimento. Fomos ao cartório procurar a certidão de nascimento, procurou-se ‘Eduardo Édson Porto Curvinel’ e não existia. Aí o escrivão que era muito amigo de meu pai falou: “Você não é filho do Nicolau?” “Eu sou.” “O seu pai nunca registrou nome duplo aqui. A quantidade de filhos que ele já registrou sempre dois nomes. O primeiro e o sobrenome. Você deve chamar ou Eduardo ou Édson Porto.” E vai ao registro, Eduardo não era. Édson Porto. Filiação toda certinha.

SK - Que coisa! E aí ficou como?

EP - Aí bom, aí foi Édson Porto. Então o certificado do primário meu com esse nome de Eduardo Édson Porto Curvinel não tem valor nenhum.

SK - Que interessante! Que engraçado!

²² de quê o irmão faleceu?

TR - Aí o senhor fez o ginásio em... Araguaí, Araguari?

EP - É, Araguari.

TR - Araguari.

SK - Porque o senhor voltou para Araguari? O senhor falou que tinha uma irmã lá, né?

EP - É eu tinha... Não, quando eu terminei o primário...

SK - O primário.

EP - O primário e vendo que em Monte Carmelo não teria futuro... Eu sempre gostei muito de desenvolver, fazer as minhas coisas, família muito grande. Porque lá é aquela vidazinha um ajudando ao outro, então, o engraxate ali, depois eu fui promovido a sorveteiro, (entra uma pessoa) aí fui ser sorveteiro, depois então garçom. “Fulano, isso aqui não é pra mim.” Então eu vou em Araguari, a minha irmã morando lá, vendo as minhas sobrinhas...

SK - Tem... Tem uma...Desculpa.

EP - Vendo as minhas sobrinhas estudarem, já fazendo lá o ginásio eu falei...

SK - Só um minutinho, eu acho que tem. Eu vou parar...

(interrupção da gravação)

SK - Bom, continuando o senhor estava dizendo sobre...

EP - Eu então... Aí eu falei: “Pô, então elas tinham...” Aí tinha que prestar um exame para ingressar no ginásio. Me preparei ali, fiz sozinho o concurso, porque eu não tinha... Já tinha passado da época, o colégio estava muito bom, o Regina Passes.

SK - Regina...?

EP - Passes. Uma congregação... Não me lembro mais de que era a congregação.

SK - Era religioso?

EP - Era religiosa. Então era religiosa. E ali da região, era realmente o melhor colégio que tinha para o ginásio, esse colégio Regina Passes.

SK - O senhor...

EP - Eu então aprovado, a minha irmã disse: “Não, então você fica morando então aqui e vai fazer o seu curso.” Eu falei: “Ótimo!” Aí me despedi de Monte Carmelo e fiquei residindo

então na casa de minha irmã e estudando em Araguari. Ocorre que no 2º ano, os meus pais então resolveram também mudar para Araguari.

SK - Voltaram para Araguari?

EP - Voltaram para Araguari. Aí já desligamos de Monte Carmelo.

SK - E o senhor falou que já trabalhava... Já... O senhor... Como é que é? O senhor falou que...

EP - Monte Carmelo como...

SK - Foi o quê? O senhor falou que foi o quê? Trabalhou como?

EP - Eu fui engraxate.

SK - Engraxate.

EP - Que nós tínhamos um bar, então era a irmandade era que tomava conta desse bar. As mulheres que tomavam conta do restaurante, da cozinha e tudo e os homens do atendimento. Isso era comum na época. E eu sendo o caçula o que eu podia ser então era engraxate.

SK - Que interessante!

EP - Depois então ali... O outro tomava conta da sorveteria e o outro era o garçom.

SK - Tudo em família!

EP - Tudo em família. Então aí depois eu fui promovido né! Com a idade...

(Risos da Simone)

EP - Fui promovido a sorveteiro com 10 anos de idade.

SK - E o senhor gostava?

EP - Gostava.

SK - Devia ser muito divertido né?

EP - Aliás, eu até hoje ainda gosto de fazer sorvete. Que se usava muito naquela época como engrossante, não esses hoje que se fazem aí da Kibon, a gente usava araruta. E todos os produtos naturais.

SK - Olha só!

EP - Quer dizer, era o leite, que se fosse fazer sorvete de coco, aí era o leite e o coco. Não tinha corante. Então pra você ver que esses aditivos que dão o sabor artificial, nós não tínhamos.

SK - É, não tinha. Era tudo natural.

EP - Muito, muito coco. Agora, depois então do... Quando eu estava entrando já como sorveteiro, até então, aí nessas alturas então já fui fazer o... Em Araguari, o ginásio.

SK - O ginásio.

EP - Aí pronto. Aí me livre dele. Aí sim! Aí nessa casa de minha irmã, o esposo dela tinha uma loja, era também descendente de árabe. Então eu estudava a tarde no colégio Regina Passes e trabalhava na loja na parte da manhã. Quer dizer, vendendo coisas, bijuterias, essas coisinhas menores.

SK - Comércio.

EP - (?). Aí bom, aí me acontece...

SK - A escola era boa? O senhor lembra?

EP - Muito, muito boa.

SK - Era boa, o ensino era bom né.

EP - Aí quando eu terminei então o ginásio, por sorte eu tinha uma irmã que se casou e foi morar em Uberaba. Ocorre que Uberaba da região na época, era o que se tinha um dos melhores colégios ali pra se fazer o preparatório científico e tudo. Que era o colégio Diocesano. Dos irmãos Maristas. Até acho que até hoje ainda existe e muito bom!

SK - Aí o senhor foi pra lá?

EP - Aí então eu falei: “Pronto! Já achei aonde eu vou fazer o meu científico.” Que naquela época... Hoje mudou o tipo (?). Era o primário, ginásio e o científico ou clássico.

SK - Isso.

EP - Não é isso? Então dependendo do que você fosse fazer. Então eu fiz o primeiro e o segundo científico em Goiânia.

SK - Em Uberaba!

EP - Aliás... Em Goiânia! Em Uberaba, em Uberaba. Aí bom, aí querendo então já prestar o vestibular de Medicina, terminei o segundo ano eu falei: “Eu tenho que sair daqui! Eu tenho que ir para o Rio de Janeiro.” Então, aí eu fui para o Rio.

SK - Quando é que o senhor decidiu que queria fazer medicina?

EP - Desde criança.

SK - Desde cedo?

EP - Eu sempre gostei e não deixando de... De... Deixando de lado de dizer da influência também materna né. Porque um dos maiores prazeres que ela tinha daqueles filhos era ter um filho médico como na época era muito comum.

SK - Ah, era um grande sonho né? Claro!

EP - Então eu já mexia com gatos, esses animais. Matava, abria, decepava. Cortava rabo de gato, costurava.

SK - Nossa!

EP - Gostava.

SK - Tinha sangue frio né?

EP - É. Gostava daquela atividade ali.

SK - E a sua mão estimulava?

EP - Mas bom, veja bem, mas de uma maneira indolor. Que o gato, espixava o rabo... O gato... Eu vinha com uma machadinha bem afiada e era um golpe só.

SK - Ai!

(Risos)

SK - E aí o senhor fazia o quê? Dessecava o gato todo?

EP - Não, aí... Aí bom, o gato morto.

SK - Sim. Mas...

EP - Mas três deles, já abria de curiosidade.

SK - Queria olhar pra ver...

EP - Eu sempre gostei.

SK - Que interessante!

TR - (?)

EP - É, desde criança. E mais aquilo, talvez pra querer satisfazer a... A mãe. Eu gostava, adorava a minha mãe. Que até que eu digo: duas mulheres só que eu tive na minha vida. Que é a minha mãe e a minha esposa que até hoje vamos fazer quarenta e tantos anos...

SK - Pois é.

EP - ...De casados.

SK - Como é o nome de sua mãe?

EP - Maria... Lídia.

SK - Lídia?

EP - É, Lídia.

SK - E o seu pai Nicolau, o senhor falou.

EP - É Nicolau.

SK - O senhor tinha irmãs?

EP - Irmãs, tinha.

SK - Ah, sim. O senhor falou que tinha uma que morava... Eram quantos meninos... Quantos rapazes e quantas moças? O senhor lembra?

EP - Eram seis. Depois do falecimento dos outros, eram seis mulheres e seis homens.

SK - Ah, bem equilibrado.

EP - Que tinha falecido mais dois. Aí nessas alturas então eu fiquei no Rio de Janeiro.

SK - O senhor não pensou em ir para Belo horizonte?

EP - Não.

SK - O senhor queria ir pro Rio?

EP - Por uma razão muito simples: sempre tive olho grande!

(Risos da Simone)

EP - Porque qual é a melhor faculdade naquela época se existiu no Brasil?

SK - Hum, hum.

EP - Era a Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha. Então... Eu avaliando aqui, ainda se falava muito aquela velha ³⁴da Bahia, a de Belo Horizonte que estava... Quer dizer, mas a Faculdade Nacional de Medicina era respeitada.

SK - Era considerada a melhor?

EP - Exato. E realmente, uma senhora Universidade.

SK - E o senhor ouvia isso de quem? Lá em Uberaba ou em Araguari falava...

EP - Agora, então... Agora veja bem, então eu fui pro Rio de Janeiro e só a mesada que os meus pais podiam me mandar com o hotelzinho lá, não dava o suficiente pra pagar a escola e viver bem.

SK - Hum, hum.

EP - Então o que foi? Eu passei a trabalhar. Então o que era? Eu no Rio de Janeiro ia pra Praça Mauá e bancava o mascate, que eu comprava canetas, isqueiros, tinteiros. Aqueles navios que chegavam dos Estados Unidos, aqueles marinheiros vendiam a preço de banana ali.

SK - Que ano isso, doutor Édson? Que o senhor chegou ao Rio, o senhor lembra?

EP - Com a descendência árabe que eu tenho, então eu vi aquilo um grande negócio.

SK - É claro!

EP - Então eu comprava aquilo ali e revendia.

SK - O senhor chegou ao Rio em que ano, o senhor lembra?

EP - É muito fácil fazer esse cálculo. Em mil novecentos... Eu me formei em cinquenta e cinco. Quarenta e oito.

SK - Hum, hum. O senhor se formou em cinquenta e três?

EP - Isso... Em cinquenta e cinco, né.

SK - Cinquenta e cinco? Oh, cinquenta e cinco. Então o senhor chegou ao Rio em mais ou menos em quarenta e oito?

³⁴ faculdade da Bahia (velha?)

EP - Quarenta e oito, quarenta... Quarenta e oito, quarenta e nove. Aí eu... Eu tinha, quando eu estava em Uberaba naquela época, eu tinha uma boa locução, hoje não, com esses dentes aqui, tudo. Eu estava... No serviço de rádio, aquela coisa toda e quando eu então cheguei no Rio de Janeiro, que tinha duas chances para estudantes: que era nos jornais como revisores e nas rádios emissoras como locutores para preencher vagas das férias.

SK - Olha que interessante!

EP - Então eu aproveitei essa locução que eu tinha...

SK - O senhor já tinha trabalhado como locutor em Uberaba?

EP - Não...

SK - Em rádio?

EP - Não, trabalhava isso na escola.

SK - Ah, na escola?

EP - O serviço de som e de rádio quem tomava conta no hospital Diocesano era eu. Então eu tinha essa experiência já. Então no Rio de Janeiro, na rádio Nacional, na rádio Tamoio, na rádio Tupi.

SK - Interessante!

EP - Então essas aí tinham que ter... Era mais um dinheirinho pra você...

SK - Pra ganhar um dinheirinho a mais.

EP - É, pra ganhar um dinheiro. Aí terminei o...

SK - O senhor morava aonde no Rio?

EP - Em Botafogo, na rua Voluntários da Pátria.

SK - Era o quê? Era uma pensão? Era uma...

EP - Era uma pensão pra estudante mesmo e gente pobre. Quer dizer, comia-se um arroz e feijãozinho. Mas dava pra.... Era dormir, que ali era tudo, e acordava toda noite por causa da passagem do bonde ali, né.

SK - Tinha bonde né?

EP - É. Agora nessa... Aí depois então terminei o terceiro científico no Rio de Janeiro e ao mesmo tempo que estava fazendo o cursinho... Aliás, o terceiro ano científico, eu fiz o cursinho.

SK - O preparatório.

EP - O preparatório, que para enfrentar aquelas feras que tem... Eu imaginava o seguinte: que aqueles estudantes do Rio estariam levando muito mais vantagem do que eu, um capial chegado do interior. Preferi fazer um cursinho.

SK - O senhor sentiu isso quando chegou aqui?

EP - Eu senti. Mas acontece que depois que eu fui lá e prestei o concurso, eu verifiquei que é o contrário. Que eles tinham mais era sociabilidade, o conhecimento geral por ver, mas não por leitura, um conhecimento profundo.

SK - O senhor então completou o científico no Rio de Janeiro?

EP - No Rio de Janeiro, no... Não sei se ainda existe hoje ali em Botafogo o Juruena, Juruema?

SK - Não sei, acho que não.

EP - Era um... Juruema.

SK - E o preparatório foi...

EP - O preparo, no Galote.

SK - No Galote.

EP - Galote. Que também já deve ter falecido há muito tempo.

SK - Mas eu já ouvi falar nessa, nesse curso.

EP - Já né? Esse era um dos melhores cursinhos que tinham naquela época. Então aí felizmente, aí eu prestei o vestibular...

SK - E passou!

EP - E passei no meio de mil candidatos, passei em vigésimo terceiro lugar.

SK - Muito bem!

EP - Ali é que... É que eu verifiquei então que aquela impressão que eu tinha do pessoal que estudava na Capital tinha maiores conhecimentos e capacidade de enfrentar não era verdade né.

SK - Os seus... Os seus colegas de pensão também eram do interior ou eram...

EP - Não, não.

SK - Não?

EP - Só tinham dois, que já estudavam na universidade. O resto era o pessoal que trabalhava, vinha, passava por ali. É como estava dizendo para você, que era uma pensão de, de... Popular mesmo.

SK - Mas não era, não era... Era comum ou não isso que o senhor fez, quer dizer, pessoas do interior virem para o Rio...

EP - Ah, era. Era o que se fazia. Exceto aqueles em que tinham nascido em berço de ouro, já pegavam, alugavam uma boa pensão ou então um apartamento. Ou dividiam o apartamento com outros colegas.

SK - Hum, hum. Entendi.

EP - E tinha naquela época também a casa dos estudantes no Rio de Janeiro.

SK - É.

EP - Quer dizer, mas eu não consegui por falta de vaga, então eu fiquei esperando. Mas aí, né, já tinha engrenado. Mas a mesadinha que eu recebia e os trocados que eu fazia aí vai vou levando. Agora, depois que eu passei, aí a coisa melhorou.

SK - E a sua mãe deve ter ficado muito orgulhosa né?

EP - Ih, demais! Até que ela me acompanhou... Tem uma passada da minha mãe que ela me acompanhou até na Lua de Mel!

(Risos)

EP - É que coincidiu a viagem...

SK - Então era uma mãe muito presente!

EP - É... Chateava ela... Mas aí quando eu comecei a fazer o curso de Medicina, aí eu tive a oportunidade então de... Passei a tomar conta do serviço de som e de rádio da faculdade...

SK - Ah, é?

EP - Por causa daquele conhecimento. Mas não ganhava nada, mas em compensação, aí eu fui trabalhar em laboratório de análises clínicas pra substituir os outros serviços porque senão não ia ter tempo pra estudar.

SK - Esse laboratório era o quê? Era aonde?

EP - (?)⁴⁵ o laboratório...

SK - Sim, mas era, era ali perto da faculdade?

EP - Era ali na... (pensando) Em Botafogo mesmo.

SK - Hum, hum.

EP - Perto da rua da Passagem. Rua da Passagem ainda é Botafogo, não é isso?

SK - É.

EP - É isso mesmo.

SK - E esse serviço de som da faculdade. O que era isso?

EP – Isso aí era o seguinte: porque tinha o... Além de dar um ambiente mais alegre para os estudantes durante o almoço, então se colocava música. E todos os anúncios que se tinham que ser feitos para os estudantes, avisos e tudo era feito através então do microfone. Porque tinha o serviço de autofalante, os autofalantes instalados tanto na biblioteca, que se isolava, como tinham então... Quando você precisava de chamar alguém urgente, então isso funcionava. Mas isso só funcionava durante duas horas no almoço.

SK - No almoço.

EP - Aí ou desviava para outro horário. Agora, aí continuando a minha vida apertada, no laboratório já passei, além de aprender a técnica de laboratório, já passei a ganhar algum dinheirinho.

SK - Hum, hum.

EP - Aí, bom. Aí, aí a coisa foi evoluindo. Eu cheguei no segundo ano de Medicina, terceiro ano ainda trabalhando no laboratório. Aí surgiu a oportunidade, no quarto ano, de prestar concurso para psiquiatria, nunca pensei em ser psiquiatra viu? Lá no Instituto...

SK - O senhor pensava?

⁴⁵ laboratório de quê?

EP - Não!

SK - Nunca pensou?

EP - O Instituto Maurício Medeiros também lá em Botafogo. Não sei se ainda existe. Ali você tem... Você tinha ali uma escola de surdos e mudos, não tinha?

SK -É, isso ainda tem.

TR - Ainda tem.

EP - Ainda tem até hoje?

SK - Isso ainda tem.

EP - Quer dizer, você vindo pra cá, você tinha a reitoria. Então depois da reitoria...

SK - Ah, sim, é o hospital onde deve ser... Deve ser... Tem o Instituto de psiquiatria hoje que pertence a universidade.

EP - Exato!

SK - Tem o hospital Felipe Pinel.

EP - (?)⁵⁶. Então o quê que faço? Eu pego e faço o concurso para ser interno do instituto.

SK - Como é que se chamava na época? O senhor lembra?

EP - Instituto Maurício Medeiros.

SK - Maurício Medeiros?

EP - É, Maurício Medeiros. Com isto, porquê que eu fiz? Eu passava a ter cama, comida e quinhentos mil réis. Conclusão: eu podia deixar todos os outros.

SK - Quer dizer, o senhor fez por uma vantagem...

EP - Uma vantagem financeira.

SK - Uma vantagem financeira e não por uma vocação... Vontade de ser psiquiatra?

EP - Não, jamais pensei em ser psiquiatra. E não me arrependi porque foi mais conhecimento que eu fui acumulando. Quer dizer, de laboratório, também eu nunca pensei em ser

⁵⁶ concordando com o endereço?

laboratorista, de psiquiatria. Que naquela época era o Freud⁶⁷ que se mandava né. Os colegas dele já...

SK - Era o quem?

EP - O Freud.

SK - Ah, sim. O Freud.

EP - Que dominava naquela época.

SK - Como é que era? Era muito disseminado isso?

EP - Como?

SK - Na época em que o senhor fez essa área de psiquiatria. Essa coisa da psicanálise...

EP - Ah, já, era...

SK - Era forte.

EP - Inclusive sonoterapia.

SK - Interessante.

EP - Já se aplicava. E o... Em determinado caso, você fazia, produzia o coma com glicose, com hiperglicemia no paciente que até hoje... Técnicas que nem se usa mais. Agora, depois então, eu sempre pensando fazer pediatria, vê a volta que eu dei para chegar na pediatria?

SK - É, isso que eu ia lhe perguntar, durante o curso o que te interessava mais?

EP - A pediatria. Então aí já no quinto ano, entendeu? Na maternidade escola, ainda existe lá né?

SK - É.

EP - Na maternidade escola havia um concurso também para internos. E existia na maternidade escola ao lado funcionando, a parte de pediatria. Que era, quem tomava conta era o Reinaldo Delamare.

SK - Hum, hum. Famoso.

EP - Então pronto. Eu falei: “Já tou conseguindo o meu caminho.”

⁶⁷ conferir a escrita

TR - Objetivo.

EP - Aí bom, então prestei o concurso.

SK - Isso era no quinto ano? Que o senhor falou.

EP - No quinto ano. Aí passei. Na maternidade escola também te pagava e também te dava comida. Só não dava comida, a não ser nos dias de plantão. Então conclusão: eu fiquei com o Maurício Medeiros e fiquei com a...

SK - A maternidade.

EP - Com a maternidade escola. Mas a maternidade escola veja bem, eu era obrigado a dar os plantões ali da maternidade, aprendi de obstetrícia e fazia o ambulatório de pediatria que era o que me interessava. Bom, logo em seguida surgiu a oportunidade já nessa época, quinto ano, acadêmico do SAMDU.

SK - Do serviço de...

EP - Assistência Médica Domiciliar de Urgência.

SK - Isso. Hum, hum.

EP - SAMDU com 'M' né, porque até aqui em Brasília tem uma avenida SAMDU que se escreve com 'M'.

SK - Que se escreve com 'M'.

EP - Com 'M'. Então eu prestei o concurso do acadêmico do SAMDU, aí passei.

SK - O senhor estava ainda na faculdade?

EP - Isso no quinto ano!

SK - No quinto ano ainda?

EP - Era acadêmico do SAMDU.

SK - Ah, acadêmico, isso.

EP - Acadêmico do SAMDU. Então eu fiquei com maternidade escola, fiquei com a psiquiatria e fiquei com o SAMDU.

SK - Muito trabalho, né, doutor Édson?

EP - Não é nem o trabalho não, eu tava dando conta e gostando daquilo ali.

SK - Muito bom isso!

EP - Porque, aprendendo, dava os plantões e fazia. Aí depois surgiu o quê? O concurso para médico, médico não, pra acadêmico do pronto-socorro Aguiar que tem até hoje. Souza Aguiar.

SK - Souza Aguiar.

EP - Souza Aguiar. Bom, ocorre que assim que eu tava na sala prestando, fazendo a prova, eu recebo um comunicado que o meu pai faleceu. Eu simplesmente deixei aquilo e fui embora. Quer dizer, que não terminei a prova do, do concurso do Souza Aguiar. Eu não continuei. Agora, nessas alturas então eu deixei, não estava mais no laboratório, né, então eu fiquei só com a psiquiatria e com a maternidade escola. E isso então eu continuei até terminar o curso. A não ser no sexto ano, no meado do sexto ano, que aí eu já deixei o instituto de psiquiatria que não me interessava e deixei. Aí eu me formei.

SK - O senhor... O senhor... Nesse período do curso, o senhor lembra assim de professores que tenham chamado, que o senhor gostasse mais...

EP - Ah, tenho! O... Na Faculdade Nacional de Medicina, o professor Chagas, filho do...

SK - Chagas Filho.

EP - É... O Chagas Filho. Esse aí era... Inclusive...

SK - Era o quê? Era BioFísica?

EP - Era. E outra que ele trabalhava no famoso... Com o peixe elétrico, medindo as descargas elétricas dos peixes.

SK - É! Ele trabalhava com isso!

EP - Agora, outra... A disciplina dele, de dar o curso, a maneira de conduzir, de tratar os alunos dele.

SK - O senhor se lembra bem?

EP - Espetacular! E o outro que marcou foi na (pensando) na maternidade escola que inclusive veio depois para Brasília foi o doutor Vitor Lacombe. A família Lacombe no Rio é muito grande né?

Não quer tomar um suco não?

SK - Ah, eu acho que vou aceitar. O senhor quer um suquinho? Quer que a gente ponha aqui? Eu vou interromper aqui um minutinho.

Eu vou voltar aqui. O senhor estava falando dos professores da faculdade, do Vitor Lacombe...

EP - Vitor Lacombe.

SK - Carlos Chagas Filho. Nessa época o Rodrigues da Silva dava aula? O senhor pegou ele?

EP - Quem?

SK - Rodrigues da Silva que dava...

EP - Dava ué!

SK - ...Que dava parasitologia?

EP - Exato!

SK - O senhor lembra dele?

EP - Lembro. O Vitor Lacombe...

(Uma pessoa falando ao fundo)

SK - Depois a gente vai sentar pra ver com calma essas fotos aqui, dona Marilda.

M⁷ - Não quero interromper a entrevista...

SK - Eu vou tirar, deixar longe da água pra não acontecer...

M - Ainda hoje, agradecendo porque está aqui estava sumida...

SK - Ah, que bom! Que benção!

EP - O Vitor Lacombe era chefe de plantão na maternidade escola no dia em que eu dava o plantão. Então sempre me tratou muito bem e via a maneira que ele fazia medicina, a rapidez de atendimento que ele dava, a habilidade que ele tinha no parto, no fórceps que se usava muito naquela época e nas cesarianas. Eu passei a ficar fã do Vitor Lacombe pra... Por coincidência, quer dizer, eu vim pra Brasília e pouco tempo depois quem é que vem? Doutor Vitor Lacombe que veio chefiar o serviço de obstetrícia do hospital Distrital de Brasília.

SK - Olha só!

EP - Agora, me deu um pouco de trabalho né! Que a família dele também veio. Eu já era...

8 Maria ou Marilda? Esposa do dr Édson?

Fita 1 - Lado B

EP - ...De ética profissional (?) do Lacombe foi. Foi muita coisa. Pra não dizer tudo! Ele... Um cara que realmente...Agora outro que... Não digo professor, mas que era o médico lá no instituto de psiquiatria, tinha um também que eu admirava muito, como é... (pensando) A memória de idoso...

SK - É, mas isso depois a gente lembra. Não tem problema. Se o senhor não lembra agora depois a gente retoma isso. A gente pega o nome.

EP - Mas então aí, restava então já, aí me formei né, que eu terminei o curso.

SK - O senhor se formou em cinqüenta e cinco né?

EP - É, em cinqüenta e cinco. Aí eu vim pra procurar local pra trabalhar. Como já sabia que eu não ia ficar em Araguari, eu sempre tive um espírito assim meio de pioneiro, eu vi que Goiânia estava aflorando, nova capital e tudo. Então eu fui direto pra Goiânia.

SK - O senhor nunca pensou em ficar no Rio?

EP - Não. Nem no Rio e nem em Araguari. Que o Rio de Janeiro, eu sinceramente, eu nunca gostei. Como eu era estudante da classe média⁸⁹, eu vi que o carioca que mais sofre é o da classe médica. É o indivíduo que trabalha a vida toda pra pagar prestação.

SK - Hum, hum.

EP - Não sei se você concorda isso comigo?

SK - É...

EP - Que tudo que você vai fazer é aquilo...

SK - É verdade...

EP - É a maioria. As boas coisas do Rio de Janeiro, eu falei: “Quem aproveita isso aqui, tirando a praia, tirando uma coisa, quem é? Não é a classe média!” Então eu nunca. Sinceramente, eu nunca tive atrativos pro Rio de Janeiro.

SK - O senhor... O senhor chegou a conhecer lá... O senhor falou do Carlos Chagas Filho, né, filho do Carlos Chagas, o senhor chegou a conhecer o Instituto de Manguinhos? O senhor chegou a ir?

⁸⁹ classe média ou médica

EP - Eu cheguei a conhecer. O Instituto de Manguinhos... Que quando eu dava plantão no SAMDU, era em Caxias. Passava ali em frente, fiz três visitas em Manguinhos.

SK - O senhor conhecia lá? O senhor visitou pra quê? Visitou pra conhecer...

EP - Não, não visitei três vezes, não posso dizer pra você que conhecia ali, porque aquilo ali é um mundo né?

SK - É verdade!

EP - Aquilo ali é uma cidade.

SK - Mas o senhor foi lá o quê? Pra conhecer a biblioteca?

EP - Exato! De curiosidade.

SK - De curiosidade?

EP - É, na volta depois de três plantões meus que eu tinha dado, parei ali pra exatamente, que eu vinha de lotação. Exatamente pra conhecer, porque aquilo sempre me atraiu. Vendo aquela beleza daquela fachada, a cor...

SK - É, é bonito.

EP - Então tudo isso atrai né?

SK - Mas o senhor nunca teve vontade de seguir uma carreira assim de laboratório?

EP - Não, nunca.

SK - De pesquisa?

EP - Você lembra que até disse que eu trabalhei em laboratório...

SK - Isso! Pois é. Por isso até que eu lhe perguntei.

EP - É, nunca, nunca.

SK - O senhor queria era fazer clínica e pediatria?

EP - Queria fazer a clínica e fazer a pediatria.

SK - Hum, hum.

EP - Agora, eu explico porque que eu escolhi a pediatria: porque as outras especialidades, você tinha que adquirir o quê? Materiais. Eu não tinha condições e a minha família também

não tinha condição pra me dar. Vamos dizer se eu fosse... Fazer cirurgia, como eu ia comprar material pra cirurgia e tudo? Então já sabia que ia ter dificuldade, eu falei: “Na pediatria...” Eu além gosto muito de criança. Eu falei: “Com quê que eu começo a fazer?” Uma balança, um termômetro e um estetoscópio.

SK - É.

EP - Que naquela época a gente examinava, fazia um exame clínico real do paciente, que era a escuta e percussão. Quer dizer, você sabia fazer um diagnóstico de uma pneumonia escutando. E percutindo você localizava aonde...

TR - O problema.

EP - O problema e a extensão dele. E era só... (faz um ruído sonoro com a mão) ...Tudo isso se existia. Que hoje não, hoje é...

SK - Hoje tudo vai para o exame.

EP - Tudo vai para o exame. Hoje você não examina o paciente né. Você encaminha ele para os exames complementares, que perdeu o significado.

SK - Claro.

EP - Exames complementares!

SK - O senhor tem toda razão.

EP - É para complementar o seu diagnóstico. Hoje são os principais.

TR - São.

SK - E hoje em dia, os médicos ficam muito com medo do exame clínico, não ficam? O senhor não acha isso?

EP - Mas não é...

SK - Inseguros assim.

EP - Mas não é. Sabe o que é? É o problema da... Do medo que ele tem de ser processado.

SK - É isso, é. Que qualquer coisinha...

EP - Porque então, pra ele é muito mais seguro ele fazer o pedido daquela papelada de exames, não é isso?

TR - Do que dar o diagnóstico.

EP - Exato. Porque se no diagnóstico houve erro, o erro não foi dele, foi do exame. Então ele faz igual a um pescador, ele joga a rede...

SK - Joga a rede.

EP - ...No mar, aí recolhe aqueles exames todos, né, e vê aquilo ali. Você tem que admitir que a maioria deles aí não sabe nem interpretar os exames que estão pedindo.

SK - É verdade.

EP - Que é tudo sofisticado. Eu vejo na parte de informática, eu que gosto daquilo, me distraio bem com o computador, gosto de mexer com Fotoshop⁹¹⁰, fazer aquelas montagens...

SK - Hum...

EP - ...Aquele negócio todo. Eu vejo, você vai falar com homem mais idoso, ah... O paciente hoje, chega no consultório, já leu todinho lá no computador...

SK - Ah, isso é verdade!

EP - ...Hoje que o médico não sabe.

SK - Já consultou tudo na internet.

EP - Ele ainda sugere ao médico: “O que o senhor acha de fazer isso assim?” “E aquela técnica, assim, assim?”

TR - É verdade!

(risos)

EP - E muitos médicos ainda não perceberam isso ainda. Então, eu estava em...

SK - Aí o senhor foi e falou que foi pra Goiânia.

EP - Aí eu fui pra Goiânia. Pois bem, aí em Goiânia, eu fui trabalhar no hospital...

SK - Qual hospital?

EP - Não, espera aí, eu fiquei com o hospital Rasse na cabeça porque...

SK - Que tinha, tem...

⁹¹⁰ verificar ortografia

EP - Oh, Marilda!

SK - Tinha o hospital São Salvador... Não, São Salvador é atual.

EP - Não, não. Oh, Marilda! Você lembra qual era o hospital que era do irmão do Rasse que eu trabalhava lá em Campinas? Foi o primeiro que eu fui pra lá!

SK - Eu acho que era hospital...

M - Não, não, não! Veio na minha cabeça agora! É o nome de uma santa... Santa Rosa?

EP - Santa Lúcia!

M - Santa Rosa, não tem nada de Lúcia! Santa Rosa!

EP - Santa Rosa?

SK - Santa Rosa. Era do Luiz Rassi?

EP - Não, do irmão... Não, do sobrinho do... Do primo do Luiz Rassi.

M - Só tem irmão médico

SK - Ah, é porque lá tem um monte de Rassi, né?

EP - Exato!

M - Mas lá são cinco irmãos médicos. Luiz...

SK - Porque Luiz foi até com quem, foi quem fez o... (pensando) Aí meu Deus! Que foi, foi... Que veio para cá também. O Luiz Rassi, a gente vai até conversar com ele.

EP - É. O Luiz Rassi foi o...

M - Foi ele quem me deu essa foto.

EP - Nós vamos chegar nele aí agora.

M - Vai chegar nele.

SK - É, pois é... Ele até...

M - O Édson vai contar a história dele.

SK - A senhora sabe que eu falando com ele pelo telefone...

EP - Não, não, eu vou chegar nele aí agora.

SK - É, ele falou: “Ah, vocês vão estar com o doutor Édson? Peça para ele pra mostrar umas fotos!”

EP - Exato! Foi fotos que ele mandou.

SK - A gente está vendo umas fotos aqui do Luiz Rassi.

M - Aqui o Luiz Rassi.

SK - Ah, que bonito!

M - Foi quando ele veio aqui, ele que me deu isso agora.

SK - Mas esse hospital que o senhor foi trabalhar era do primo dele, é isso?

EP - Do primo dele.

M - Lá em Campinas.

SK - Depois a gente vê o nome. Em Goiânia.

M - Em Campinas, o hospital Santa Rosa é em Campinas.

EP - Em Campinas, é em Campinas.

M - Campinas é um bairro (?).

EP - Campinas é uma cidadezinha. É colado ali em Goiânia.

SK - Ah, tá! O senhor falou Campinas agora, pensei que fosse Campinas em São Paulo!

M - Pensou que fosse Campinas de São Paulo.

EP - Em São Paulo.

SK - Campinas é o quê? É um bairro?

M - É um bairro de Goiânia.

SK - Tá.

M - Uma cidade satélite de Goiânia.

EP - Não, era cidade, hoje deve ser bairro.

M - Já virou bairro de Goiânia.

SK - Ah, mas era uma cidade próxima a Goiânia, era isso?

EP - É isso. É.

SK - É colado ali.

EP - É coladinho ali.

M - É colado.

EP - Era bem... Vinte ¹⁰11kilômetros.

M - Olha aqui o Édson. (?) quando eu casei!

EP - Você viu o que o casamento acabou comigo! Não tinha cabelo branco, não tinha rugas!

M - Era diretor administrativo da cidade tá vivo ainda.

SK - Como é o nome dele, que a senhora falou?

M - Almir.

SK - Almir. Ah, a gente até (?).

M - Era diretor administrativo. Aí durante a (?), aqui o Édson aqui.

SK - Ah, que beleza essas fotos, hein?

M - Eu morei nesse (?) aqui. Eu morei aqui nessa... Isso aqui tudo é hospital.

SK - Ah, quando... Na hora em que ele for contar essa parte, a gente retoma de novo essas fotos.

M - O Dr. Luiz ficou viúvo agora. O Dr. Luiz, a coisa mais estúpida que ele ficou viúvo.

SK - Agora, quando?

M - Quanto tempo... Há dois anos: Sei lá, faz tanto... Passa tão depressa o tempo...

SK - É...

M - A mulher dele era uma mulher maravilhosa! Bonita!

¹⁰11 vinte?

SK - Ah, eu acho que eu soube! Dr. Jofre me falou.

M - Ele foi mexer no jardim...

SK - Eu soube, eu soube.

M - ...Espetou a mão, deu tétano. Oh, são cinco irmãos médicos, um monte de netos médicos, sobrinhos médicos, tudo médico.

SK - Eu soube disso.

M - O hospital em frente a cada dele, a mulher morreu de tétano!

SK - Eu soube disso. Que tragédia né!

M - Oh, está dizendo que ficou arrasada. Eu tive lá e ele me deu isso. Agora que eu vou levar isso para o museu. Estou esperando agora...

SK - Que beleza!

M - Nossa, eu estava assim, arrasada.

SK - Ah, eu quero ver isso com calma!

M - Pensei que estivesse sumido na mudança, encontrei agora.

EP - Marilda, esse telefone é da sua casa?¹¹¹²

M - Telefonei. Encontrei. Eu posso ajudar, ele é estudante, tadinho, que ele ainda falta...

EP - Elas vão. Elas vão lá no congresso. Elas vão também Marilda!

M - Tem coral agora.

EP - Hein, Marilda?

SK - A gente vai tá lá.

EP - Elas vão no congresso também.

M - Vão?

SK - A gente vai.

¹¹¹² telefone?

TR - Vamos.

SK - A Tamara vai apresentar...

TR - Vou apresentar...

SK - A tese¹²13.

M - Então se você encontrar (?) ¹³14fala que eu encontrei todas!

SK - Ah, vou falar com ele!

TR - Pode deixar!

SK - Então, vamos ver, daqui a pouquinho eu quero ver essas fotos direitinho com calma.

M - (?)

SK - O senhor... Ah, vamos, vamos pegar aqui os dados todos. O senhor estava falando... Bom, aí chegou e foi trabalhar nesse hospital?

EP - No hospital Santa Rosa, o nome é esse. Bom...

SK - Isso era o quê? Já logo depois de formado, em cinquenta e seis por aí?

EP - É, foi logo depois de formado. Então, foi exatamente aí é que surgiu a minha ligação com Brasília. Por quê? O... A Nova Cap¹⁴15 assinou um convênio com o hospital, vale um contrato com o hospital Rassi em Goiânia pra prestar os primeiros socorros com assistência médica inicial em Brasília. Competia então ao hospital Rassi montar um posto médico aqui em Brasília, um barraco, uma tenda seja o que for e deixasse o hospital em Goiânia a disposição para os casos mais graves para serem transferidos para lá. Bom, eu trabalhando no hospital Santa Rosa que era ligado ao Rassi, fiquei sabendo então desse convênio, desse contrato que o Rassi tinha assinado com a Nova Cap. E fiquei sabendo que eles estavam tendo um problema muito grande e mandaram um médico para tomar conta aqui. Que eles tinham que pegar o pessoal da equipe médica e ficar fazendo revezamento. Então aí, eu lancei mão de um ardil, qual foi? É que o Rassi também estava construindo em Goiânia um hospital modelo que hoje é o, era o ex-IAPC, não sei se hoje... Um senhor hospital. Então...

SK - Era o ex?

EP - IAPC.

¹²13 tese?

¹³14 encontrar quem?

¹⁴15 Verificar ortografia

SK - Instituto...

EP - Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes.

SK - Ah, sim. Eu sei onde é¹⁵16.

EP - Que comprou esse hospital em que o Rassi estava construindo.

SK - Ah, tá.

EP -Então nesse hospital, veja bem, eu falei: “Esse aí é realmente onde eu quero trabalhar!” mas como já tinha dois pediatras mais antigos em Goiânia, não é isso? Pra trabalhar no hospital, eu procurei o Rassi e perguntei para ele a minha possibilidade de ter um consultório naquele hospital dele depois de inaugurado. Que eu não pretendia ficar em Brasília. Aí eu peguei e disse: “Vem cá! Vamos fazer um negócio? Se você deixar, eu vou pra Brasília... Se você quiser eu vou para Brasília, sozinho, fico o tempo necessário lá, de acordo com o seu contrato...” Que era até o término das obras do hospital HJKO aqui em Brasília, que era prevista em três meses. “Você não precisa mandar ninguém, eu fico o tempo todo! Mas depois de inaugurado lá o hospital...”

SK - Aí o senhor vai...

EP - “...eu volto e você me dar então um consultório nesse ambulatório de pediatria.” “Ih, mas não posso, já tenho compromisso com os dois outros. Mas espera aí.” Pegou e chamou os dois, e apresentou o problema para eles. “Ah, não! Não tem problema! Eu vou trabalhar de tanto a tanto. E tanto a tanto. Se ele quiser, ele fica na parte da manhã aí...” Pronto tá resolvido. Conclusão: Vim de mala e cuia então pra Brasília, mas já pensando terminado esse prazo, retornar a Goiânia pra eu ter o meu consultório de pediatria.

SK - Os outros não queriam vir não, né?

EP - Era difícil para eles porque veja bem, uma equipe de hospital... Anestesista não poderia vir, cirurgião, os outros clínicos. Eles tinham previsto em mandar um para ficar uma semana e ia renovando.

SK - Eles iam, mandavam, ficavam um pouquinho e voltava?

EP - Ia e voltava. Iam revezando esses médicos.

SK - Ah, entendi.

EP - Eu então me ofereci para tomar conta sozinho. Que não precisava desse problema, que pra ele foi ótimo. Aí acertamos o salário, ele disse quanto que eu queria, eu falei: “Não,

¹⁵16 verificar frase – onde é ou sei dele

primeiro o compromisso que eu quero é o seu retorno. Agora, você me paga por mês lá o que um engenheiro ganha, porque eu não tenho, não tenho referência nenhuma.” Ele falou: “Tá ótimo então.” Então eu recebi o que um engenheiro recebia aqui da Nova Cap ele me pagava. Ora, acontece que três meses, então eu vim...

SK - Isso era o quê? Em cinquenta e seis? O senhor lembra?

EP - Quatro de dezembro de mil novecentos e cinquenta e seis. Foi quando eu cheguei...

SK - Ele não esquece a data... Certinho!

EP -... Foi quando eu cheguei, foi quando eu cheguei em Brasília.

SK - Esse, esse dia da chegada deve marcar... Deve ter marcado muito né doutor Édson? Porque ontem...

EP - Não, marcou...

SK -... Eu estou achando interessante, por que o doutor Isaque ontem, eu perguntei, nós perguntamos para ele e ele falou a data certinha: “... eu cheguei em Brasília no dia... não sei quanto de janeiro de [19]57.” Porque é uma, é um marco né?

EP - Aliás, ele esteve em dezembro aqui.

SK - É. Primeiro foi em dezembro...

EP - Porque eu cheguei em dezembro, o Isaque veio ver...

TR - Dar uma olhada.

EP -... A (?),¹⁶17 voltou pra sede, depois que ele veio montar o hospital.

SK - E como é que foi essa chegada?

EP - Essa chegada foi o seguinte: nós viemos num avião, transportado um avião Fokker Búfulo¹⁷18 de Goiânia para cá. E já chegamos de baixo de chuva. E era um avião...

TR - E o senhor e mais quem?

EP - E era um avião velho do DERG - Departamento de Estradas e Rodagens de Goiás. E goteira no avião!

SK - Nossa!

¹⁶17 sabe o que o dr. Isaque veio ver

¹⁷18 verificar o nome

EP - Eu falei: “Minha Nossa Senhora! Aonde que eu fui me meter?”

SK - O senhor veio com mais alguém?

EP - Vim eu, o Jofre Parada, o Ernesto Silva, o ... (pensando) O Luiz Rassi não veio. O Ernesto Silva e o Mantandon¹⁸¹⁹, que era o cozinheiro que tomava conta da cozinha do Juscelino. Aí bom, acontece que eu cheguei aqui e não tinha aonde ficar, então eu fui direto pro Catetinho. Quer dizer, ficou marcado por isso, né. Então eu fiquei durante vinte dias morando no Catetinho até fazer o posto médico, esse pequeno que você viu aí, né.

TR - Hum. hum.

EP - Aquele posto... É esse aqui né. Aquele posto médico aqui no acampamento(?).¹⁹²⁰ Então terminado a posição desse posto médico, aí eu saí de Catetinho. Ué, durante esses vinte dias, o Juscelino teve duas vezes aqui. Conclusão: chego de sair de lá, eu e outros que estavam no Catetinho e dormir na fazenda próximo ali do Gramo. Já ouviu falar dessa fazenda, né?

SK - Já ouvi falar.

EP - Então pronto. Ficava ali na fazenda. Bom, depois que eu passei pra cá então, aqui eu já dormia, comia, tudo por aqui mesmo. Já não precisava voltar ao Catetinho.

SK - E quando Juscelino chegava, o senhor tinha contato com ele?

EP - Tive contato com ele essas duas vezes em que eu estava no Catetinho. E uma terceira vez, foi quando esse próprio Mantandon faleceu num acidente aéreo em que precisou e que ele estava que era amicíssimo dele. Porque por incrível que pareça eu não votei em Juscelino.

SK - Ah, não?

EP - E passei a ser número um dele.

SK - É...

EP - Porque ele não...

SK - Por que o senhor não votou nele? O senhor lembra?

EP - O Problema é o seguinte: apesar de ser mineiro e tudo, a influência política, que eu não tenho político na família nenhum, que eu sofria²⁰²¹ do outro lado foi muito maior. Aí é questão de campanha mesmo. É tudo lavagem cerebral, né.

¹⁸¹⁹ saber se é assim o nome

¹⁹²⁰ não entendi a fala – acampamento?

²⁰²¹ verificar se é – sofria.

SK - É.

EP - Agora, ocorre o seguinte: quando eu vi a seriedade que ele fazia o governo, a maneira em que ele conduzia o trabalho em Brasília. Porque ele não misturava a vida particular dele com a vida política. Ele trazia sim as suas amantes, trazia o César Prates com o violão que (?),²¹²² Dilermano Reis. E eu sempre gostei muito de música também, então eu tirava umas casquinhas dali. Mas ele ficava às vezes até duas horas da madrugada na sua seresta e tudo. Seis horas da manhã estava fiscalizando obras ali. Era um troço de tirar o chapéu e bater palmas, então eu passei a ser fã dele mesmo. Agora, isso aqui então terminado, passado os três meses previstos para o término da obra do hospital de campanha do (?) do núcleo Bandeirantes, agora acabou. Não foram suficientes para terminar, então pediram mais três meses pra (?). Então eu tive que continuar o trabalho mais três meses, como não tinha também terminado o hospital de Goiânia, pra mim era indiferente. Estava ganhando, trabalhando e tudo.

SK - E o que o senhor fazia aqui nesse, nesse...

EP – Aqui eu dava atendimento a todos os operários iniciais e fazia o exame clínico para ele ser fichado na Nova Cap.

SK - Tinha uma carteira, não é?

EP – Tinha uma carteirinha de saúde. Então uma firma precária, mas que funcionava aquilo ali. Agora e aqueles casos em que se necessitava então de internação ou de tratamento médico ou um acidente ou um... Uma urgência, a Nova Cap deixava a disposição um Cesna, um aviãozinho. Esse ficava lá a disposição a hora em que eu precisasse dele. É tanto que quando começou o desmatamento para criar o lago do Paranoá, para fazer a represa, quer dizer, eu mandei pra Goiânia, mais de seis casos com... Por causa de picada de cobra que existia muito no lago. Porque aquilo ali era Cerrado né.

SK - Hum, hum.

EP - Então com o desmatamento e tudo. Eu aplicava o soro, punha no avião e mandava. Ou alguns outros casos que necessitaram de internação.

SK - Aí mandava pra Goiânia?

EP - É, Goiânia. Aí com seis meses de... Terminaram a construção do hospital.

SK - Só uma pergunta. Essa... Qual era o exame clínico, como era isso? Quais eram as doenças que vocês estavam preocupados, que o senhor estava preocupado em ver?

²¹²² Identificar fala sobre o César Prates/violão.

EP - O... A preocupação, que você vê: o exame clínico desse tipo, você ia examinar, ler a pressão, ia ver coração, né, pra ver como estava ali, se existia alguma doença crônica ou a doença aguda. Ora, se o indivíduo estava bem em tudo, então aí se passava.

SK - Mas se faziam testes, por exemplo, pra doenças infecciosas?

EP - Não, isso depois... Depois foi instalado o DENERU – Departamento Nacional de Endemias Rurais foi instalado e funcionava aqui ao lado. Aí sim, então aí já começou a fazer o saneamento Epidemiológico pra...

SK - Quando? Em que época que eles chegaram?

EP - Isso, já na mesma época em que eu cheguei, eles estavam chegando aqui.

SK - Já chegaram também?

EP - Já chegaram também.

SK - Aí o senhor fazia a parte do exame clínico...

EP - E tão e coisa²²23 e aqueles casos que eu julgasse necessário, já encaminhava para eles.

SK - Pra eles.

EP - Já fazia o exame de sangue, de qualquer coisa, precariamente, mas os exames pelo menos primários, aí eu fiz.

SK - O senhor detectava, às vezes, no exame clínico ou no próprio exame de sangue alguma suspeita, por exemplo, esse aqui... O senhor falou do coração eu me lembrei do Chagasiou²³24, o senhor tinha esse...

EP - A preocupação maior do DENERU e nossa era exatamente essa, por causa da região.

SK - Hum, hum.

EP - Principalmente Formosa, Cersi, quer dizer, eles cercavam por aqui. Agora, nesse, nesse ínterim, a Nova Cap também já providenciava a criação de um departamento médico da Nova Cap. E que foi criado, isso já três meses depois de minha chegada, já começou a funcionar. Então... Aí todos os exames de admissão já foram passados, transferidos para o departamento médico da Nova Cap.

SK - Inclusive esses exames que o DENERU faziam?

23 ²²verificar frase

²³24 verificar ortografia

EP - Tudo, tudo isso foi passado pra lá. É tanto que eu... Eu tenho duas passagens interessantes que eu sempre conto e é coisa que eu achei espetacular nessa época de (?) em que você falando de epidemia e tudo, não tinha saneamento básico, então quando eu cheguei tinha apenas sessenta operários. Mas com um mês aquilo triplicou. Aquilo foi aumentando. A mosca caseira surgiu. Não tinha por que se faziam as necessidades e tudo em volta. Conclusão: eu tive uma epidemia de diarreia, né.

SK - Hum...

EP - Em consequência disso. E eu usava naquela época, se usava naquilo que era o enterovioforme.

SK - Entero?

EP - Vioforme.

SK - Tá.

EP - Enterovioforme. Esse enterovioforme eu adquiria numa farmácia, ao invés de pedir para Goiânia, era mais rápido, porque Luisiânia tinha cinquenta quilômetros. Comprava na farmácia lá, porque eles tinham um pouco no estoque e eles mandavam aquilo. Tá bom. Resolvido o problema. Um belo dia... Aí o DENERU já tava já ciente disso e já providenciando esse saneamento. Eu observei que o... A diarreia, o surto de diarreia diminuiu assustadoramente. Então acontece que eu fui a Luisiânia comprar mais enterovioforme e não tinha um comprimido. Tinha ido um cidadão aqui de Brasília lá e comprou todinho.

SK - Hum...

EP - Ué, mas porque isso?

SK - Queria vender?

EP - Sabe quem foi? Aí descobrir quem foi comprar os comprimidos. Foi o Vitor, que era o dono do restaurante, que me fez uma pergunta antes de como eu tratava aquela diarreia. Então eu disse para ele que era o enterovioforme. Ele foi lá, comprou e jogou dentro do panelão de feijão.

SK - Nossa!

(Risos)

EP - Me perguntou a dosagem... Eu até conto isso aqui. Aquela dosagem e tudo. É tanto que eu brinco, eu digo: o primeiro sanitarista de Brasília foi o cozinheiro²⁴²⁵...

²⁴²⁵ cozinheiro?

(Risos)

SK - E deu certo isso que ele fez?

EP - E deu certo!

SK - Que incrível isso, doutor Édson!

EP - E depois sabe, o cuidado dele, o cálculo que ele fez pela quantidade de comprimidos dentro...

SK - E aí ficou todo mundo bom?

EP - Exato!

TR - Curou! Que beleza!

EP - Seria um risco, um perigo né?

SK - É, pois é.

EP - Mas ele calculou: "...dá um comprimido pra tanto, tantas pessoas que comem aqui, então vai um comprimido pra cada um..."

SK - Gente, que fantástico!

TR - Agora, quando o senhor chegou aqui, já veio com família?

EP - Não, não.

TR - Não, o senhor veio só?

EP - Era solteiro. Eu... Quando... Eu era noivo, de uma colega na universidade, mas assim que eu me formei, nós separamos. Então nós tínhamos aqui o prazer praticamente nenhum. A gente ia a Goiânia. E em umas dessas festas em Goiânia foi quando eu conheci a, a Marilda.

SK - Que legal!

EP - Então aí pronto. Aí já (?). Inclusive tem uma passagem muito interessante também com isso aí. Que... O... Da gente ser sanitarismo. Eu observei, que respondendo aquela pergunta sua a respeito das doenças (?) que é o problema da blenorragia.

SK - Hum, hum.

EP - Porque a Nova Cap colocava no final de semana pra diversão desse pessoal aqui, dois caminhões. Enchia os caminhões e descarregava em Luisiânia.

SK - Hum, hum.

EP - Então naquele... No início de Luisiânia, você tinha apenas quatro mulheres, que eu chamo de compreensíveis.

SK - Hum, hum.

EP - Não é isso? Que com o desenvolvimento de Brasília, em dois meses passaram a ter mais de quarenta. Conclusão: eu já tava preocupado então...

SK - Com doenças venéreas.

TR - É...

EP - Então eu vou ao doutor Jorge que era o da Nova Cap falar: “Tá acontecendo isso.” Coincidência, ele era ginecologista e comuniquei ao doutor Leão.

SK - Doutor Leão?

EP - Do DENERU.

SK - Como era o nome dele, o senhor lembra?

EP - Doutor João da Costa Leão.

SK - Que era do DENERU?

EP - Que era do DENERU. E o doutor Jairo Almeida que era do departamento da Nova Cap. Aí reunimos os três: “Bom, então vamos a Luisiânia.” Fomos a Luisiânia, colhemos o material, fizemos, foi feito o exame e constatou que a maioria das mulheres lá estava. “Então agora vamos fazer a prevenção (?)²⁵26 disso.”

SK - Claro.

EP - Naquela época se usava o benzetacil.

SK - Hum, hum.

EP - Dois milhões e quatrocentos. Em duas doses.

SK - Nossa!

EP - Então, bom. Agora você já viu a dor que provoca, né?

26 ²⁵prevenção de quê?

SK - Nossa!

EP - Criança toma de quatrocentos, seiscentos, você já viu... Dois milhões e quatrocentos. Aí nós fomos então e metemos benzetacil na mulherada todinha. E ficamos de voltar uma semana depois pra fazer a segunda dose. O quê que ocorre? Na segunda semana, eu digo na outra semana que nós fomos fazer o benzetacil, nós só encontramos dez mulheres. Inclusive deixaram gente nos vigiando a entrada lá pra comunicar com elas. Por quê? Com uma dose do benzetacil ficava três dias sem trabalhar.

TR - Ah...

SK - É, pela dor né? Aí fugiram todas né?

EP - Impressionante! Felizmente a primeira dose, resolveu bem.

SK - Ah, sim. Então o senhor... E por exemplo, esse, esse, esse medicamento, quem fornecia? O DENERU fornecia?

EP - Tudo era a Nova Cap

SK - A nova Cap.

EP - É, a Nova Cap. Agora, ocorre o seguinte: que diante disso, nós fizemos uma reunião com todos esses trabalhadores, quer dizer, a gente fazia antes deles saírem e dizendo...

SK - Informando...

EP - Então já dando orientação no sentido da prevenção que eles tinham que fazer, essa coisa toda, aí felizmente...

SK - Que outras doenças apareciam? Verminose tinha muito?

EP - Não, verminose era muito comum, muito comum. Porque a maioria dos trabalhadores como você sabe vinham lá do Nordeste ou do interior principalmente aqui da redondeza. E normalmente a verminose nessa região, principalmente o *ascaris lumbricoides* era muito comum e a giardia. Era giardíase e mais a ascaridíase. Eram as duas mais comuns.

SK - E assim, pensando... Pensando nessas outras doenças, assim, parasitárias, tinha muito chagasse ²⁶²⁷que o senhor falou né? De esquistossomose...

EP - De Chagasse por incrível que pareça, apesar da região o percentual de chagasse que eles encontraram era pequeno. Mas como diz o doutor Leão do DENERU, isso se explica. Que normalmente esse pessoal não procura serviço pesado.

²⁶²⁷ verificar sobre doença de Chagas

SK - Ah, porque não pode... Não tem capacidade física né...

EP - É, a observação dele é...

SK - Mas o senhor se lembra de ter escutado algum caso de cardiopatia chagasse?

EP - Ah, três. Teve três casos ali que pra mim então foi uma verdadeira aula.

SK - Quando o senhor fazia a escuta, o senhor já tava orientado para o diagnóstico clínico de chagasse?

EP - Não, não para o chagasse. Porque eu fazia o exame geral.

SK - Geral?

EP - De acordo com o distúrbio auditivo que eu encontrava aí sim.

SK - Encaminhava...

EP - Aí mandava ele.

SK - E aí lá no DENERU, eles faziam...

EP - Então o DENERU e o departamento da (?)²⁷28.

SK - E o departamento...

EP - Agora, você tem que admitir o seguinte: que aí depois em agosto já de cinquenta e sete foi inaugurado o hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira.

SK - Como que era esse hospital?

EP - Era um hospital de campanha para quarenta leitos.

SK - Hum, hum.

EP - Um hospital de madeira com as quatro clínicas básicas, mas montado num alicerce de concreto. Que se houve necessidade, se quisesse levantar alvenaria, já tava... A base já estava pronta. Então nesse hospital nós tínhamos então o centro cirúrgico, que é essa foto que a Marilda te mostrou aí, nós tínhamos a sala da obstetrícia, a sala de parto, não é isso? Tínhamos laboratório, tínhamos o raios-X e o setor de emergência. Lembrando que também que nesse meio tempo já estava se construindo o Hospital Distrital de Brasília, que é o Hospital de Base hoje.

²⁷28 departamento de onde?

SK - Qual era a diferença entre esses dois hospitais?

EP - É... Como?

SK - É... Tinha alguma diferença de concepção entre esses dois hospitais, o hospital Juscelino e o hospital de base?

EP - Ah, tinha. Completamente. Porque o hospital de madeira, a intenção era de ser desativado assim que a rede hospitalar de Brasília estivesse pronta.

SK - Ah, tá! Entendi. Então ele seria...

EP - Agora...

SK - Ele seria provisório e o...

EP - Exatamente. E os hospitais chamados distrital, que cada um pertenceria a um distrito.

SK - Hum, hum.

EP - E você teria então o hospital de Base que esse receberia então de todos os hospitais. Agora ocorre que o plano, infelizmente, apesar de ser muito bonito, não foi concretizado. Construíram da L2²⁸²⁹ né, construíram da Asa Norte, quer dizer, que a coisa foi modificando. E o hospital de Base passou a ser chamado inclusive o primeiro Hospital Distrital.

TR - E esse planejamento era feito por que médico?

EP - Não, esse planejamento... Aí o doutor Enéas Silva, que fazia parte dessa comissão contratou se não me engano não sei o quê Bandeira. O doutor Bandeira que tinha um, não me lembro mais, é que fez todos esses estudos. Agora, e modificando inclusive completamente o tipo de atendimento. Porque o atendimento deveria ser geral, mas você tinha que admitir a diferença de classes sociais. Quer dizer, tudo isso pesava. Mas tudo isso era previsto no plano...

Fita 2 - Lado A

EP - ...Quase um hospital distrital. Se não me falha a memória, eram previstos seis hospitais distritais. Esses hospitais distritais tinham tanto a parte cirúrgica como à parte de maternidade, pediatria, quer dizer, completo.

TR - Hum, hum.

²⁸²⁹ verificar se é mesmo L2

EP - Então aqueles casos em que fossem todos selecionados e que necessitassem de um tratamento mais especializado, eram encaminhados para o hospital de base. O próprio nome tá dizendo né? Agora, infelizmente não foi. A sorte nossa, já no hospital de madeira que teve que suportar todo o movimento, que já terminaram no hospital, no primeiro hospital de Brasília, terminaram o pronto socorro. Aquilo é um mundo, uma cidade. Então aí já foi desafogando todinho...

SK - Quantos leitos tinha esse primeiro hospital de campanha?

EP - Quarenta leitos iniciais. Mas só por curiosidade sua, nós tivemos aqui a famosa gripe asiática naquela época, não foi?

SK - Ah, é?

EP - Aquela epidemia e eu peguei exatamente isso. Só nos corredores eu tinha oitenta colchões.

SK - Nossa!

EP - E mais os quarenta leitos.

SK – Epidemia, teve uma epidemia de gripe? Que coisa é esse?

EP - De gripe é, essa asiática. Que matou muita gente. E eu peguei exatamente naquele hospitalzinho. Felizmente as consequências não foram tão graves assim.

SK - Hum, hum.

EP - Porque o ebola e a espanhola mataram muito mais.

SK - Ah é! Com certeza! E isso não apavorou as pessoas na época não?

EP - Não. Não porque... Interessante, eu tenho que admitir o seguinte: a coisa em que eu mais gostei de trabalhar, quer dizer, com esse pessoal de obras e tudo, é a humildade, a simplicidade dele. Aceitava tudo aquilo ali com sorriso e tudo. Que faz parte da vida.

SK - Eles aceitavam a medicação, o tratamento?

EP - Aceitavam. Tranquilamente. O sujeito no hospital, deitado num leito num corredor e ainda agradecia quando a enfermeira passava e dava um comprimido pra ele. Então aquilo era espetacular.

SK - Agora, a relação do senhor, por exemplo, como médico com os sanitaristas lá do DENERU como é que era? Era uma boa relação?

EP - Era muito bom!

SK - Vocês se entendiam?

EP - Você tem que admitir também é o seguinte: por sorte, o doutor João da Costa Leão, quer dizer, que veio de Goiânia pra cá, é um indivíduo puro demais, um senhor profissional, então é aquela amizade tremenda. Agora o doutor Jairo já da Nova Cap, esse aceitava o jogo todinho, que era dois contra um né?

SK - Mas então eles já tinham uma distância maior?

EP - Exato! Exato! Maior, mas em compensação... E outra que a bem da verdade, doutor Jairo já não está se preocupando muito quase com a medicina. Era um grande atirador. Principalmente no rifle, ele aproveitava a região pra fazer as caçadas.

SK - Ah, é?

EP - Mas justifica. O problema da idade dele já essa coisa toda.

SK - É.

EP - O Leão, apesar da idade, não. A abnegação, pura para o trabalho. E o jovem né!

SK - É, o senhor era recém-formado né. Tinham outros médicos aqui nesse hospital de campanha junto com o senhor?

EP - Ah, não. Espera aí então. Inaugurado o hospital de campanha, aí é que vem agora explicar a minha permanência em Brasília...

SK - Pois é! Porque já tinha três meses, depois mais três.

EP - Até... Exato, mais três. Ocorre que, inaugurado o hospital, ofereceram a direção do hospital para o doutor Luiz Rassi.

SK - Hum, hum.

EP - O doutor Luiz Rassi então disse que poderia viver de fato aqui. Aí me indicaram. Ora, eu com os meus vinte e quatro anos de idade, não é isso? ganhando como engenheiro, me pagariam o dobro, me davam o incentivo que o Juscelino deu, eu aceitei na hora!

SK - Na hora!

EP - O bom cabrito não berra!

SK - É, é.

EP - Agora, então eu assumi a direção do hospital. Aí começamos então a infra... E a montar. Então em contato aí, eu já fui pro Rio de Janeiro procurar lá o ex-IAPI, que era, que tinha o contrato com a casa Rassi. Procurei lá a presidência e tudo pra ver o material que precisava. Aí nomeou uma comissão, pra fazer todo esse serviço, o pessoal administrativo. A gente não tinha trabalho nenhum, nenhum.

SK – Por que como é que é? Quer dizer, esse hospital tinha um convênio com o IAPI, é isso?

EP - Não, o hospital era do IAPI.

SK - Ah, o hospital era do IAPI.

EP - A Nova Cape que tinha um contrato com o Rassi em Goiânia.

SK - Ah, entendi!

EP - Mas o instituto de aposentadoria e pensão (?)²⁹³⁰ eram responsáveis pela saúde no país.

SK - Hum, hum.

EP - Então quem construiu o hospital...

SK - Tá! Entendi! Foi o IAPI

EP - Foi o IAPI.

SK - O senhor conheceu o Francisco Laranja, doutor Édson?

EP - Muito! O Francisco Laranja foi exatamente quando eu prestei o concurso pra acadêmico do SAMDU.

SK - Porque ele já estava no SAMDU essa época.

EP - Exato.

SK - Porque ele ficou aqui em Brasília um tempo.

EP - O Francisco Laranja, coitado, ele foi muito infeliz, que ele não permanecia nas funções dele por questões políticas. Você já tinha observado isso? E ele mesmo falava pra mim. Porque eu então quando fui lá, começamos a conversar, a bater um papo. Ele era diretor do...

SK - Do SAMDU.

EP -... Do SAMDU.

²⁹³⁰ saber: instituto de aposentadoria do ?

SK - Hum, hum.

EP - Ele disse: “É rapaz! Tô gostando de ver o seu interesse em querer em ir pra aqui e ir pra ali. Não sei o quê.” Aí começamos, fizemos aquela amizade. “Aí quando você...” Ele falou: “Você não quer trabalhar aqui no, no...” Todo mundo queria trabalhar no, no Centro né? Eu falei: “Não, eu prefiro lá em Caxias.” Mas aí eu expliquei para ele o motivo. Aí bom, ele disse: “Então quando você puder você passa pra aqui.” Então eu tive quatro oportunidade de passar lá pra bater papo com Laranja.

SK - Lá no...

EP - Era um espetáculo, um espetáculo!

SK - Mas ele era... O senhor falou que ele era, ele tinha muito... Ele era um homem da política também?

EP - Exato! Bom, era da política do Getúlio.

SK - É, ele era afilhado do Getúlio.

EP - Mas exato! Então com aquilo ali, teve perseguição contra ele.

SK - Hum, hum.

EP - Ele era nomeado para um cargo, quando mudava o...

SK - Ele chegou a ser diretor do Instituto Oswaldo Cruz.

EP - Exato!

SK - Em cinquenta e três e cinquenta e quatro.

EP - Quanto tempo ele ficou?

SK - Dois anos.

EP - Pois é.

SK - E com a morte do Getúlio ele saiu.

EP - É impressionante, um cara competente.

SK - É. E ele foi até... Ele que estudou a cardiopatia chagassica né.

EP - Era competente mesmo. Aquele... Como médico e administrador.

SK - Hum, hum.

EP - Impressionante.

SK - Bom, mas vamos voltar. Então o senhor começou lá no hospital lá, o hospital foi inaugurado. E aí vocês montaram tudo...

EP - Não, não. Então, aí nós fomos fazer então escolher o corpo médico. Doutor Isaque Parreira³⁰³¹ Ribeiro já estava aqui, radicado ele. Então ele foi nomeado como, como cirurgião. Aí o doutor Gilvan que morava em Formosa.

SK - Gilvan?

EP - É, Gilvan, como radiologista. Doutor Scartezine³¹³² estava em Goiânia, também aceitou o convite e veio. O doutor Cláudio Costa que esteve aqui na fase inicial, antes da inauguração, como acadêmico ainda, ele era laboratorista do IAPI e ele veio ajudar. Então como ele já conhecia isso aqui, ele pediu então pra vir e ser laboratorista. Do Rio de Janeiro pra cá. Porque lá ele ainda era como acadêmico, já tinha formado. Então ele veio como médico laboratorista. O... Agora me falha a memória... Então aí foi nomeado o doutor Jorge Marum.

SK - Jorge...

EP - Jorge Marum.

SK - Nabur?

EP - Marum.

SK - Marú?

EP - Marum.

SK - Marum.

EP - Marum. Que era de Formosa.

SK - Hum, hum.

EP - Ele veio como obstetra. E o doutor Jorge Nabur...

SK - Jorge Nabur.

³⁰³¹ verificar nome

³¹³² verificar nome

EP - Que é de Goiânia, indicado pelo doutor Luiz Rassi, ele veio também como obstetra. E mais ainda o... (pensando). O doutor João Mendonça veio como ortopedista e Eugênio Sarmiento.

SK - Eugênio?

EP - Sarmiento.

SK - Que era? Qual era a especialidade, o senhor lembra?

EP - Esses dois, ortopedista.

SK - Os dois ortopedistas.

EP - Agora vamos justificar aí o porquê que nós fizemos isso aí.

SK - Então tinha ortopedista, obstetra...

EP - Obstetra.

SK - Labaristaria... Labori... Aí Meu Deus!

EP - Laboratorista.

SK - Laboratorista.

EP - Radiologista.

SK - Radiologista.

EP - O radiologista qual você pôs aí?

SK - Gilvan, Scartezine...

EP - Não... E laboratório...

SK - Cláudio Costa.

EP - É, o Cláudio Costa, depois veio o outro ajudar o Cláudio Costa que veio de Goiânia. Geo... Geovani Cisneiros.

SK - Geovani... Não é esse Gilvan que o senhor falou não né?

EP - Não, O Gilvan é radiologista.

SK - Radiologista. É Gilvan, o senhor lembra o nome dele?

EP - É laboratorista.

SK - Tá.

EP - Cisneiros.

SK - Cisneiros.

EP - Era laboratorista junto com o Cláudio.

SK - Aí essa era a equipe?

EP - E o doutor Édson Porto como diretor e depois então, aí eu fui pra pediatria. Eu ainda continuava atendendo lá os casos de pediatria. Tanto fazia parte da administrativa...

SK - E se responsabilizava pela pediatria. O senhor falou desse Jorge Nabur, eu lembrei que... A Tamara estava ontem, a gente estava conversando com o doutor Isaque a respeito de um trabalho que vocês apresentaram num daqueles congressos médicos do Brasil Central sobre o saneamento de Brasília, o senhor está recordado disso?

EP - Muito pouco. A memória aqui já tá...

SK - Porque eu acho que era... Era Édson Porto, Isaque Barreto e o Jorge Nabur.

EP - E o Jorge, o Jorge Nabur. Me lembro muito pouco.

SK - Hum, hum. O senhor participava desses congressos, o senhor chegou a ter conhecimento...

EP - Eu participei pouco por causa da, do trabalho né.

SK - Hum, hum.

EP - Porque eu... Nesse hospital, o movimento que ele tinha. E a parte administrativa e atendendo.

SK - Era muito...

EP - Não sobrava tempo pra isso. Não tinha como. Agora nessas alturas, ainda como diretor do hospital e pediatra do hospital, eu abrir um consultório de pediatria no Novo Bandeirante. Até terminar a construção do edifício JK aqui no setor comercial, ali no meio³²³³ de Brasília. Então assim que terminou a construção, aí eu fechei o consultório do Novo bandeirante e

³²³³ no meio? verificar

passei pro JK. Onde trabalhei o tempo todo. Que nessas alturas eu já tinha já desligado do SAMDU.

SK - Hum, hum.

EP - E ficou só com o ex IAPI que depois passou para o INPS.

SK - Hum, hum.

EP - E devido a minha experiência administrativa lá no hospital, aí o INPS então me chamou pra trabalhar na parte administrativa no serviço de tratamento fora de domicílio. Que eu tinha muito contato com os hospitais, e os serviços médicos do Brasil por causa daquele hospital né. Que tinha que mandar casa e tudo. Aí eu fui pra lá trabalhar nesse setor.

SK - Mas o senhor ficou como diretor desse hospital por quanto tempo? O senhor saiu quando?

EP - Quatro anos mais ou menos.

SK - Quatro anos? Então inaugurou em cinquenta e sete...

EP - É depois... Foi em sessenta e um, sessenta e dois por aí.

SK - Hum, hum. Tinham enfermeiras nesse hospital?

EP - Ah, tinha! Isso aí era essencial.

SK - Como é que era isso? As moças...

EP - Primeira veio a...

SK - Vinham de onde, essas moças?

EP - A doutora, doutora não, a enfermeira Rosa Irene que veio de Goiânia que era do hospital Rassi. Muita experiência. Veio ela e o esposo. E, veio trabalhar também na farmácia. E ela foi requisitando enfermeiros. Ela requisitou de Formosa, certo? E de Goiânia. Era a base do corpo de enfermagem.

SK - O senhor que é um pediatra, que trabalhou né, com... Quer dizer, não só na administração hospitalar, mas sendo pediatra. Como é que era essa questão da educação sanitária nessa, nesses primórdios? Porque tinha... Como o senhor mesmo falou, o senhor ia e tinha que explicar para os trabalhadores como é que era os hábitos.

EP - Isso aqui é... Com o departamento médico da Nova Cap, eles foram montando uma estrutura, quer dizer, exatamente nesse sentido e já tinha escolas. Então esse serviço já encaminhava então indivíduos para fazer palestras sobre essa parte de sanitária, da parte

sanitária. Os cuidados com a saúde, essa coisa toda. Devido a epidemia, o risco³³³⁴ em Brasília.

SK - É, claro, porque...

EP - Porque o departamento médico da Nova Cap, você vê, nessa época já tinha além do doutor Jairo, tinha o doutor Rui, tinha o José da Costa Gomes, já tinha uns cinco médicos já.

SK - E aí eles também faziam essa parte?

EP - Então era os trabalhos deles também. Fazia parte. Agora a parte social era o doutor Enéas Silva que tomava conta e muitas vezes ele promovia nesses encontros no sentido de ser feitos palestras.

SK - Aí já era tudo o departamento médico da Nova Cap. Já não era mais o pessoal do DENERU?

EP - Tinha nada a ver mais com o instituto de aposentadoria e nem com o DENERU.

SK - O pessoal do DENERU não ficou, não competia com o pessoal da Nova Cap não?

EP - Não, não. E você vê porque o DENERU, ele, ele tinha como base era o tratamento sanitário da região.

SK - Da região toda.

EP - Não raciocinava em termos de Brasília especificamente. Então pra você vê: de Brasília a Formosa, esses tratamentos que eles faziam nesses barracos de dedetização...

SK - Eles botavam inseticida?

EP - Eles é que faziam tudo isso aí. E por exemplo, Brasília em si foi só mesmo a parte inicial, não é isso? Do saneamento básico. Por que? Em Brasília o plano piloto³⁴³⁵ já estava sendo construído. E o saneamento definitivo já estava desenvolvendo.

SK - Eles não dedetizavam as casas aqui com medo de vir barbeiro não? De ter barbeiro...

EP - Dedetizou tudo. Isso foi um dos primeiros serviços que o DENERU fez aqui. Essas palhoças então.

SK - É, pois é.

EP - Casas de sapê, tudo era feito pelo DENERU.

³³³⁴ verificar se é risco mesmo

³⁴³⁵ verificar palavra

SK - Hum, hum. E malária, tinha aqui algum problema com malária nessa área?

EP - Não.

SK - Não.

EP - Não foi assim que fosse além do normal não. Porque inclusive a turma não tinha tempo nem pra pescar. E aqui (?)³⁶ da malária não tinha.

SK - Não tinha.

EP - E normalmente que a gente nota que a grande disseminação da malária são esses indivíduos frequentadores de beira de rio. De pescaria, esses passeios.

SK - Mas os trabalhadores que vinham, por exemplo, que tinham malária o senhor tratava com...

EP - Não, eu não peguei.

SK - O senhor não pegou.

EP - É, não peguei nem um caso durante esse período que eu fiquei com eles.

SK - Que ficou aqui. Hum, hum.

EP - Agora não posso responder pra você se o doutor Jairo, lá no departamento médico...

SK - Entendi.

EP - Porque aí é bem provável que ele tenha tido. É bem provável. Só não posso te dizer o número, a quantidade, o percentual.

SK - Essa ficha que o senhor falou, essa carteira de saúde, não é isso? Os trabalhadores tinham... O senhor estava falando logo no início: faziam o exame clínico, né, via como é que tava, pra poder tirar a carteira...

EP - Essa carteira inicial era feita simplesmente num papel. Depois que foi que foi aberto o departamento da Nova Cap aí então é que se providenciou uma carteirinha então definitiva e que constava do exame médico que ele tinha submetido e se estava apto ou não para o trabalho.

SK - Tem documentação dessa época em algum lugar, doutor Édson?

EP - Não, não creio, viu? Não creio. Não creio porque eu... O departamento médico ali, eu sinceramente, eu nunca, nunca frequentei. Porque depois que mudou do barraco para a

administração aí eu já, já estava já... Nesses setores aí, completamente distantes. Aí quem poderia ver isso era o... O Ernesto também não creio, porque a parte do Ernesto era a, era outra. Doutor Jairo é falecido né?

SK - É.

EP - Agora... Como eu te disse, o doutor Jairo não se dava muito, não se preocupava muito com essas coisas. Eu acredito que não deve ter. Se existir, é com algum neto ou bisneto de trabalhador.

SK - É.

EP - Caso contrário...

SK - É mesmo?

EP - ...Não existe isso.

SK - Agora esse hospital, que o senhor né dirigiu e logo assim nesse começo. Eles, quer dizer, o público era os trabalhadores, né? Mas por exemplo, vamos imaginar, os engenheiros, os médicos, as famílias se tivessem algum problema também eram atendidos aqui?

EP - Tudo, tudo ali.

SK - Quer dizer, não havia distinção de, de...

EP - É tanto que eu como pediatra ali, quer dizer, eu atendia no meu consultório, quer dizer, e aquelas famílias então que tinham já uma posse financeira melhor, atendia particularmente, que não tinha compromisso nenhum em atendê-lo.

SK - Ah, tá. Entendi.

EP - Mas muitos deles procuravam exatamente no hospital. Que por incrível que pareça, um hospitalzinho de madeira, de campanha, aquilo ali... Pena que eu não tenho aqui, coisa...

SK - É esse aqui né?

EP - Pra você ver as condições, as condições de...

SK - Estamos vendo as fotos aqui. Esse aqui, é esse, né?

EP - Não... Esse aqui é o...

SK - Não...

EP - Aqui!

SK - Aqui, essa foto aqui.

EP - Isso aqui é a frente dele.

SK - Aí tem um monte de gente aqui, né. Cadê o senhor?

EP - O Rassi tá aí. O Luiz Rassi está aí.

SK - Ah, é esse aqui.

EP - Olha aqui, você vê só autoclave que é no hospital de madeira. Várias esterilizações.

SK - É, que beleza! Isso veio de Goiânia?

EP - Não, isso aqui veio do Rio de Janeiro através do IAPI.

SK - Do IAPI, o IAPI mandou.

EP - Aqui, Instituto dos industriais. Olha a frente do hospital.

SK - Então o IAPI é que equipou tudo e tal.

EP - Tudinho, tudinho. Então, realmente eles davam condições... Olha o Rassi aqui!

SK - O Luiz Rassi aqui na foto.

EP - Olha o Saião.

SK - Leonardo Saião?

EP - É.

SK - Esse ônibus aqui, o quê que é, doutor Édson?

EP - Esse ônibus...

SK - É uma foto de um ônibus com um monte de gente chegando aqui.

EP - ...Foi a primeira, foi a primeira viagem em que a Marilda veio, que ainda namorada, que veio me visitar. Foram umas estudantes de...

SK - De Goiânia.

EP - ...De Goiânia, vieram fazer um passeio, ela aproveitou a carona e veio pra me ver aqui.

SK - Nossa que aventura! Que beleza! Isso aqui já é o outro?

EP - Ah, não. Isso aí já é a condição do barraco...

SK - Isso aqui qual é?

EP - Aqui, aqui...

SK - Não, aqui, esse é o hospital. Esse aqui é o de...

EP - É onde é o museu hoje, nesse que você... Museu vivo da história candanga.

SK - Ah...

EP - Tudo isso aqui foi tombado, o hospital fica aqui e eu morava numa dessas casas aqui.

SK - Esse, quer dizer, essa construção aqui existe?

EP - Existe até hoje. Cada uma dela aqui funciona um departamento do museu.

SK - E aí esse daqui já é o outro hospital?

EP - Não, não. Esse aqui é exatamente a construção do barraco... Do, do barraco administrativo da Novacap.

SK - Ah, tá!

EP - Não tem nada a ver. Aqui, é esse aqui.

SK - Isso aqui já é a Novacap?

EP - Exato.

TR - E esse aqui também? Não?

EP - A mesma coisa.

SK - É a Novacap?

EP - É... Não, isso aqui é o hospital. Isso aqui é o hospital.

SK - Qual? Esse aqui...

EP - O de madeira. Oh, Marilda! Esse aqui não é o hospital de madeira?

SK - Esse aqui, é esse aqui.

M - É a construção do hospital. Esse aqui é a construção do hospital, (?) todos eles. Foi o que o doutor Luiz me deu. O Luiz Rassi.

EP - Pois é. Aqui é a frente dele já construída.

M - Todos eles.

EP - Aqui. Aqui é o hospital de madeira.

M - Tem você no meio da construção aí.

SK - Interessante!

EP - Olha o tamanho dele!

SK - Esse é o hospital Juscelino?

M - Isso. Que virou museu vivo da memória candanga. Esse hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira. Tem fotografia que veio da inauguração dele.

SK - Ah, tá.

M - Você viu esse álbum?

SK - Pois é! Não, vamos ver, vamos ver.

EP - Eu tenho a minha fotografia lá no museu, mas não se esqueça que é no museu vivo da história candanga.

SK - A gente vai lá, será... A gente pode ir lá hoje, né? Tem visitação?

EP - Ah, aquilo lá você tem que conhecer! Hoje tem... Eu não sei como está atualmente. Mas tem oficina, dão aulas lá e tudo. Aproveitar. Por isso é que chama de museu vivo.

SK - Isso aqui é a Novacap, ele estava dizendo.

M - A Novacap, aonde?

SK - Aqui.

M - Tudo construído é do hospital.

SK - Ah, é do hospital. Então tudo é hospital do hospital Juscelino.

M - É a construção disso aqui. Aqui é o hospital e as casinhas dos médicos.

EP - Aqui que é o museu.

SK - Ah, o que interessante!

M - Aqui que é o museu. Aqui, tá vendo?

(vendo fotos)

SK - Ó, o IAPI, o hospital.

M - É o hospital. Que o hospital era do IAPI, antes chamava...

SK - Hum, hum. Então esse hospital de campanha foi a base, foi o núcleo do...

EP - Da medicina em Brasília.

SK - ...Do hospital. Ah, aí dele é que deu o hospital, esse hospital Juscelino? É isso?

EP - Pois é, a medicina em Brasília.

M - O hospital, esse de madeira, o hospital de campanha, seja o que for, ele foi inaugurado com o nome Juscelino.

SK - Ah, tá. Entendi.

M - Hospital Juscelino Kubitschek.

EP - No Craveiro Lopes, que é a maior piada que eu já vi do português.

SK - Ah, que bonito.

EP - Craveiro Lopes era o presidente de...

SK - De Portugal.

EP - De Portugal. E ele esteve na inauguração, inclusive o hospital ia chamar hospital Craveiro Lopes. Resolveu, acaba sendo Juscelino Kubitschek.

SK - Ainda bem né!

EP - O Craveiro Lopes na inauguração, foi visitar o hospital e não tinha ninguém, né. Ele disse: "Bonito, mas não vai paciente?"

(Risos da Simone)

EP - Não é piada, isso é fato!

SK - Olha que bonito!

TR - Ah, deve ser muito interessante.

SK - Ah, a gente pode ir lá hoje. Oh, um acervo, tá vendo? Ah, nós vamos lá depois visitar isso aqui!

EP - Foi eu quem pintei isso aqui. Eu não sei qual filho que pegou o quadro e levou.

SK - Ah, o senhor pinta?

EP - Ah, gosto demais!

SK - Ah, eu acho que eu vi até isso sobre o senhor! Que o senhor é um artista!

EP - Pintura e música é comigo!

SK - Ah, que beleza! Mas o senhor já gostava já desde moço disso?

EP - Ah, já. Eu tinha facilidade pro desenho né.

SK - O senhor desenhava essa época, as coisas aqui de Brasília, no começo?

EP - Não.

SK - Não. Não tinha tempo pra isso.

EP - Aí não sobrava mais tempo.

SK - Que beleza.

EP - Mas o... Olha aqui, aqui que é a administração. Eu estava confundindo aquele com essa construção.

SK - Ah, tá. A gente está vendo aqui uma outra... Obrigada.

EP - (?)³⁵³⁶ vê um cafezinho lá pro fumante! Você quer café?

Mulher - Vocês aceitam um cafezinho?

TR - Não. Obrigada. Você quer, Simone?

SK - É, não, não. Eu vou ficar no suquinho aqui. Obrigada.

³⁵³⁶ chama uma pessoa (mulher)

Ah, o senhor... Ele está mostrando aqui um álbum de recortes de jornais e fotografias.

EP - Aqui já é a inauguração lá do hospital. Aqui, o Juscelino inaugurando o hospital.

SK - Inaugurando o hospital.

EP - Aqui que era o posto médico do IAPI. Aqui, onde eu trabalhava.

SK - Ah, tá.

EP - Aqui era a administração da Nova Cap, trabalhava aqui. O DENERU funcionava aqui ao lado. Aí ó, um barraco de madeira o quê que era.

TR - Já é o Catetinho?

EP - É.

TR - Ah...

EP - Esse coqueiro quem plantou fui eu.

SK - Não esse... Deixa eu dar uma olhadinha aqui, doutor Édson. Esse aqui. Esse barraco aqui.

Ah, o primeiro posto médico montado na candangolândia, dezembro de cinquenta e seis.

EP - Dezembro de cinquenta e seis. Foi exatamente o ano em que eu, que eu cheguei aqui. Olha o Jofre Parada.

SK - Jofre Mozard Parada, um dos primeiros a chegar para a construção de Brasília. Essa, esse aqui, esse jornal é o quê? Qual é, esse aqui?

EP - Esse aqui, sabe que isso aqui foi o maior presente, o maior presente que eu ganhei na minha vida. Foi a minha patroa aí e os filhos que montaram.

TR - Ih, aqui: “Surto de pólio ameaça a população de Brasília.”

EP - Entendeu? Eles é que montaram esse álbum aí e me deram no ‘Dia dos Pais’. Olha eu ó.

SK - Hum, é o senhor aqui tocando?

EP - É. Aqui ó.

SK - Tocando violão.

EP - Tocava violino, bandolim. Tocava violino na orquestra de Brasília.

SK - Que interessante!

EP - Eu gosto muito de música. Aqui (?) com o violino.

SK - E o senhor desde então não, quer dizer...

EP - É o Sabin.

SK - Ah, é, teve a visita do...

EP - O Sabin teve aí.

SK - ...Do Sabin né.

EP - Ele era presidente da Sociedade de pediatria de Brasília. E nós fizemos um congresso aqui.

SK - Pois é, eu ia perguntar isso para o senhor. Como é quem foi, como é que os médicos foram se organizando aqui em Brasília? Porque o doutor Isaque ontem falou pra gente da Associação Médica de Brasília.

EP - Associação Médica de Brasília.

SK - O senhor participou? Como é...

EP - Participei. Foi fundada ainda lá no Bandeirantes, no Bandeirantes.

SK - Hum, hum.

EP - Então os médicos da Nova Cap, aqueles que trabalhavam no departamento médico e o... (Já tem açúcar? – Pergunta para uma pessoa) ...E mais os médicos do hospital, se reuniram e fundaram a...

SK - A Associação.

EP - A sociedade. Se não me engano, o Isaque foi o primeiro ou segundo presidente.

SK - Foi, é. Foi o primeiro. Ele contou pra gente ontem.

TR - E tinham reuniões nessa associação?

EP - (?). mensalmente. E outra, nós tínhamos lá no hospital, semanalmente uma reunião científica num local próprio que nós tínhamos lá pra isso. Nesse hospitalzinho de campanha. Então, era onde se reuniam os médicos e contava os casos ou aquelas dúvidas que eles tinham e apresentavam.

SK - Hum, hum.

EP - Então nós fazíamos essa reunião semanalmente.

SK - E me diz uma coisa, doutor Édson. Por que isso chamou, a construção, né, de Brasília, chamava muita atenção do país inteiro, sobre tudo do Rio de Janeiro, todo mundo acompanhando. Os médicos do Rio de Janeiro ou de São Paulo, dos grandes centros, né eles vinham aqui ver o que vocês estavam fazendo aqui ou eles não se interessavam muito?

EP - O interesse deles era apenas ver para saber se haveria campo para eles, mas se interessar diretamente ao atendimento médico que era feito, isso eu não recebi.

SK - Não queriam, eles não se interessavam por isso?

EP - Tivemos inclusive lá no próprio hospital, eu recebi vários colegas de São Paulo, de Minas, do Rio de Janeiro, quer dizer, perguntando como é que era e querendo exatamente ser transferido. Que politicamente eles tinham uma chance de ser transferido pra Brasília.

SK - Hum, hum.

EP - Quer dizer, mas como era o atendimento, não.

SK - Mas eles... Mas o interesse era no sentido de abrir os seus consultórios particulares aqui?

EP - Os serviços médicos deles. O atendimento pra eles.

SK - Não tinha uma coisa assim de idealismo de vir trabalhar aqui?

EP - Nenhum, nenhum, nenhum. Simplesmente interesse.

SK - Interesse financeiro?

EP - Só. E se haveria futuro.

SK - É.

EP - Isso aí é o que ocorria normalmente. Mas saber o tipo de atendimento, o que estava se prestando.

SK - Com os trabalhadores.

EP - Porque você vê o seguinte: quando eu, eu fui diretor do hospital lá, que hoje é o hospital universitário. Quando deixou de existir os institutos de aposentadoria, aquele hospital pertencia ao IPASE, lá da Asa Norte. Que hoje é o hospital universitário.

SK - Tá.

EP - Então quando eles... Os institutos deixaram, o hospital passou para o INPS.

SK - Hum, hum.

EP - Que o IPASE deixou de existir.

SK - Hum, hum.

EP - Então aí, eles me chamaram para ser o diretor lá do hospital que tinha convênio com a universidade. Não fui ninguém para saber como era isso, como era aquilo. Fui receber uma visita do secretário de saúde Mário Obreiro.

SK - Mário?

EP - Obreiro.

SK - Obreiro.

EP - Lá da, como que é o pai dele? Uruguai... Da Colômbia, da Colômbia. Esse veio, exatamente pra saber como era feito o nosso atendimento aqui. Pra saber se poderia instituir também lá. Porque tinha um problema seriíssimo que mal o orçamento dele, da secretaria de saúde, era maior, veja bem, do que o nosso. Era bem maior, população menor. Mas ele tinha o problema das doenças crônicas. Quando ele viu o atendimento que se prestava, ele simplesmente: "(?) eu também posso³⁶³⁷." Só pra você ter uma ideia.

SK - Ficou interessado.

EP - Agora os colegas ou os médicos mesmo, sinceramente não teve nenhum.... Oh, Eva!

SK - E não tinha nem uma coisa política, por exemplo, o pessoal do Ministério da Saúde não vinha?

EP - Pega um maço de cigarro pra mim. Tá lá em cima.

SK - O pessoal do Ministério da Saúde vinha acompanhar o que vocês estavam fazendo?

EP - Que eu recebesse, não.

SK - Ministros...

EP - Durante o tempo que eu fui...

³⁶³⁷ duvida na fala do secretário de saúde da Colômbia.

Fita 2 - Lado B

EP - Que eu fui diretor lá do hospital do, do HJKO. Que eu fui diretor do médico do hospital da L2, que é da Fundação que seria o segundo hospital distrital. E quando também lá no, hoje hospital universitário, a única visita que eu recebi foi desse Mário Obreiro.

SK - Que era da... O senhor falou da...

EP - Era da Colômbia.

SK - Da Colômbia. Agora e a criação, que com a criação da universidade...

EP - Não, espera aí! Que Colômbia? Eu tou falando Colômbia, porque eu tou pensando no nome dele! Ele que é colombiano!

TR - Ah!

SK - Ah!

EP - Ah! São Franscisco, minha filha! Da Califórnia!

SK - Hum.

EP - Agora que eu tou... Haja vista o seguinte...

SK - Ele era dos Estados Unidos?

EP - Um colombiano ser Ministro da Saúde, Ministro da Saúde lá em São Francisco. Então foi exatamente isso, ele então ele dizendo, que a verba dele era superior se não me engano a nossa do país.

SK - Hum.

EP - Ele não tinha condições de prestar esse serviço universal que nós oferecíamos aqui.

SK - Quer dizer, ele vem, ele veio interessado pelo modelo que vocês estavam implantando aqui?

EP - Exato. Ele foi aqui, ele foi a Buenos Aires também, que estavam fazendo um trabalho de lá.

SK - Mas é interessante isso, né? O doutor Ernesto Silva fala isso um pouco no livro dele, né. Que foi uma experiência pioneira de um sistema de saúde, de atendimento.

EP - É, pioneira... O plano é Bandeira, se não me engano, foi muito copiado.

SK - É.

EP - Foi muito copiado. Se você que faz pesquisas e tudo aí, você acompanha, você pode observar. Porque o Ernesto, tem o seguinte: ele é um pesquisador, é um historiador. Mas ele se baseia muito em informações por telefone, outro. Quer dizer, mas ir em loco... Pra mim, um historiador, o principal dele deve fazer, ele fazer a pesquisa.

SK - Hum, hum.

EP - Então nós temos hoje em Brasília, você deve conhecer o Adilson Vasconcelos. O Adilson não brinca em serviço.

SK - Ah, eu vou até anotar.

EP - Se ele ficar sabendo que eu sei disso, assim, assim. Porque Fulano me contou. Ele não me telefona, ele simplesmente pergunta: “Posso dar uma passada aí?”

SK - Ele é historiador esse, esse...

EP - Adilson Vasconcelos? É.

SK - Em Brasília.

EP - Tem vários livros sobre Brasília!

SK - Ah, interessante! Depois a gente pode conversar também, encontrar com ele.

EP - E outra, são... Eu que acompanho a história de Brasília há muito tempo, eu vejo como a história é falha. Mas desses livros do Adilson Vasconcelos, eu vejo a seriedade que ele escreve. Não tem: ‘porque ouviu dizer, ele escreve...’ Não, ele vai na fonte.

SK - É. Esse que é o trabalho que tem que ser feito, né?

EP - Ele vai na fonte. Oh, Marilda! Marilda! Se tiver... eu não sei, porque está tudo bagunçado lá. Se tiver algum livro desse do Adilson aí...

SK - A gente pode ver.

Mulher: A dona Marilda está no banho.

SK - Ah, a gente espera um pouquinho.

EP - Hein? Ah, lá no banheiro ela não tem não?

(Risos)

EP - Os livros estão todos lá né?

SK - Depois a gente vê. Como é que foi a inauguração, doutor Édson, da Capital? Deve ter tido uma grande festa, né?

EP - Olha, aquilo... Sabe que tinha... Uma das coisas que... Aí foi comemorado a missa, né. Depois da missa prolongou-se aquilo ali e foi dada a queima de fogos. Uma coisa linda! E um dos convites principais que o Juscelino fez, e fez quando estava doente, foram os índios. É exatamente os primitivos, os primeiros e coisa, com aquele espírito pioneresco de desbravador do (?).³⁷³⁸

SK - Deve ter sido uma beleza!

EP - Então houve ali uma igualdade muito grande e pitoresco³⁸³⁹. Agora, depois então houve lá a festa no Itamarati, lá no Palácio né?

SK - O senhor foi?

EP - Não, não fui não. E nem podia ir.

SK - É, aí era uma coisa mais pro...

EP - Não podia ir.

SK - O senhor tinha contato com esse pessoal? Porque também devia vir muita gente de imprensa, né? Vinda do jornalista, acompanhar. Como é que era isso? Vocês eram muitos assediados assim, pra saber o que estavam fazendo?

EP - Não, você veja... As revistas, por exemplo, de Rio e São Paulo, normalmente eles chegavam aqui, quando eles iam fazer qualquer trabalho sobre medicina essa coisa, eles me procuravam.

SK - Hum, hum.

EP - Eles me procuravam. Então eles queriam informações sobre como era o problema de atendimento, como era feito, o isolamento como é que foi? O primeiro isolamento.

SK - O primeiro isolamento pra quê?

EP - Bom, o hospital não tem um isolamento pra ficarem as pessoas...

³⁷³⁸ espírito desbravador de quê?

³⁸³⁹ verificar palavra

SK - Ah, sim...

EP - ...Pra evitar infecções? Então. Existe aí. Nós fizemos isolamento com barraco de madeira lá.

SK - E aí eram casos de quê?

EP - Ora, isso foi o primeiro... Eu vi numa revista aí... 'O primeiro hospital de isolamento de Brasília.'

SK - E que... Eram... Quais eram as patologias?

EP - Inclusive o... Pra você fazer uma necropsia, tem que ter.

SK - É.

EP - Inclusive o Isaque Barreto de Oliveira, ele vem a ser médico legal.

EP - (?)³⁹40.

SK - Ah, é?

EP - É.

SK - É, ele falou que já desde a faculdade, gostava, né, dessa parte de anatomia patológica.

EP - Inclusive é um cara que eu gosto muito dele. Sou fã dele exatamente por isso. Ele, médico, médico de interior, abriu o hospitalzinho dele de madeira aqui no interior. Aí ele foi ser, mexer com a medicina legal. Aí ele foi ser professor de medicina legal no, no, no CEUB⁴⁰41 na Escola de Direito. Ele sentiu que estava faltando alguma coisa pra ele pra complementar as aulas. Precisava de quê? De conhecer Direito. Oh, ele com curso superior, se houver vaga na faculdade não precisa fazer vestibular. Pegou e fez Direito.

SK - Fez Direito.

EP - Prestou o curso de Direito. Pronto. Fez aquilo que ele queria. Só de raiva, ele prestou concurso pra Procurador do Distrito Federal. Passou em primeiro lugar!

SK - Nossa! Admirável, né?

EP - É. E outra, ele era humildade, a simplicidade dele. O pior é isso!

SK - É, muito!

³⁹40 saber sobre o doutor Isaque – médico legal do ?

⁴⁰41 verificar ortografia

EP - Entendeu?

SK - Muito, muito mesmo.

EP - Ele é um... Você pensa bem, a evolução do... É impressionante! Você vê os casos assim... O porteiro meu lá, o guarda noturno meu lá, formou-se em Direito e foi procurador do IAPI⁴¹. Então existe. Então eu acho que o errado é o Isaque... A associação que ele foi fazer. Quer dizer, vê a responsabilidade e a honestidade dele.

SK - Claro!

EP - Dá uma aula de medicina legal e se formando em Direito. Sentir que estava...

SK - Que estava precisando.

EP - Militar, né. Olha que troço espetacular, né?

SK - É verdade!

EP - Não é?

TR - Agora, enquanto o senhor trabalhava em Goiânia, aqui mesmo em Brasília. A circulação... O senhor tinha contato com revistas médicas de outros lugares?

EP - De quê?

TR - Com revistas médicas de outros lugares, do Rio.

EP - A revista médica que eu recebia era da Sociedade Americana de Pediatria. Em que eu era sócio. Então eu acompanhava através dela. O resto era da Associação Médica Brasileira que me mandava, porque como sócio da Associação Médica de Brasília, então recebia as correspondências. Mas aonde eu encontrava melhores informações era na revista mensal da Sociedade de Pediatria Americana.

TR - E a revista Goiânia de medicina, o senhor...

EP - Li muito pouco. Li mais sobre os artigos de um cara que eu admiro demais o que ele escreve que é do Jofre.

SK - É.

EP - Que cara espetacular! Aí essa eu recebia. De Goiânia e volta e meia, um deles, principalmente o Rassi sabia que eu gostava de ler aquilo e me mandava.

⁴¹ verificar se é mesmo IAPI

SK - O senhor conheceu o doutor Jofre?

EP - Demais! Eu trabalhei em Goiânia.

SK - Em Goiânia.

EP - É. O meu primeiro CRM é de Goiânia. É tanto que o meu aqui de Brasília, apesar de ser o primeiro é cento e vinte e seis. Mas por que? Porque eu pretendia retornar a Goiânia.

SK - Hum, hum.

EP - Só depois que eu resolvi então fixar em Brasília é que eu fui tirar o CRM aqui de Brasília. Que eu fiz a transferência.

SK - Mas o senhor... Mas não era uma revista que o senhor consultasse sistematicamente?

EP - Não, não, não.

SK - Era mais a área de pediatria?

EP - Era só a área de pediatria, da Associação Americana de Pediatria.

SK - Hum, hum. O senhor estava falando... O senhor... Então o senhor saiu depois do hospital Juscelino e foi para? Depois que o senhor do...

EP - Do hospital Juscelino eu retornei à administração do INAMPS.

SK - Hum.

EP - Já era do INAMPS, eu trabalhava lá, atendimento fora do domicílio.

SK - Ah, é! O senhor falou. Hum, hum. E...

EP - Aí nessas alturas me aposentei.

SK - O senhor se aposentou em que ano? O senhor lembra?

EP - O... (pensando)

SK - Depois a gente vê, não tem problema.

EP - Eu tenho a impressão que eu tenho anotado aqui. Se não tiver...

SK - Depois a gente vê. Depois...

EP - Eu tenho anotado, você sabe por quê? Porque sempre me fazem pra certas coisas aí...
(procurando a anotação)

SK – Depois a gente vê...

EP - Não é possível gente! Eu acho que não tem mais não. Tem! Pronto!

(Dona Marilda fala sobre a hora do almoço e pergunta se vão almoçar um pouco)

EP - Me aposentei no INAMPS em 19... Em 1989.

SK - 1989?

EP - É. Isso no INAMPS. Na fundação...

SK - Qual fundação?

EP - (?) falar que hoje é a Secretaria de Saúde. Em 1993. Quer dizer que já tem mais de dez anos. Treze anos. A última... Foram as duas aposentadorias.

SK - E me diga uma coisa, doutor Édson. Depois dessa leva inicial, assim, né, dos trabalhadores que vieram, que construíram a cidade e quando inaugurou, né, como é que foi essa onda de migrações? Como foi esse processo? Porque foi uma coisa muito, muito forte, né, enfim, do crescimento da cidade, até das regiões das periferias, das cidades satélites. Vocês continuavam atendendo? Quer dizer...

EP - Não...

SK - Eu imagino um volume enorme de pessoas que começaram...

EP - Você tem que admitir que o plano estava funcionando. Itaguatinga, o quê que fizeram? Você tinha o SAMDU que dava o atendimento lá e lá estava se construindo o hospital... De Itaguatinga. Sobradinho. A mesma coisa. O SAMDU dando o atendimento domiciliar de urgência e mais o posto médico que funcionava. E já também o hospital de Sobradinho em construção.

SK - Hum, hum. Entendi. Então foram construindo os hospitais na...

EP - Então você vê que nessas cidades satélites, tirando atualmente as novas que vão surgindo aí, mas todas elas já previam a função do hospital.

SK - Já começava a ver...

EP - E aqui acompanhava. E você tem que admitir também, que naquela época ainda que havia os institutos, além do SAMDU. Os institutos mantinham principalmente o IAPI⁴²⁴² mantinham um posto médico para atendimento. Quer dizer, aí realmente, foi que realmente resolveu o problema da (?). É tanto que até hoje o maior problema da medicina aqui em Brasília qual é? Que oferece? A sobrecarga que tem? Ao entorno.

SK - É.

EP - A periferia manda tudo pra cá.

SK - Manda tudo pra cá, claro.

EP - Exato. Quer dizer, porque se você pegar hoje, você pega Itaguatinga, ela tem uma cidade ali colada ao lado, que é Samambaia. Já tá com mais de cento e cinquenta mil habitantes.

SK - Nossa!

EP - É incontrolável!

SK - É.

EP - Então esses assentamentos que foram feitos, vão criar mais problemas ainda que não vamos ter condições de acompanhar.

SK - Claro!

EP - Aí vai... Aí já é deficiente, vai ser mais ainda. Você vê a luta desse secretário de saúde que tem aí pra pelo menos melhorar o atendimento.

SK - Claro.

EP - Você abre o jornal, liga uma televisão aí ou um rádio, você vê é só crítica sobre assistência médica em Brasília. Que já foi exemplar.

SK - É verdade!

EP - Você tem ainda um funcionando aqui que é o Sara Kubitschek. Quer dizer, mas o Sara Kubitschek também engano muito. Por uma razão simples: ele não tem pronto-socorro né!

SK - Ah, sei.

EP - E a maior dificuldade para um hospital...

SK - É, é.

⁴²⁴² dúvida se é mesmo IAPI

EP - É o pronto-socorro.

SK - É o pronto-socorro.

EP - Que além de absorver os clientes normais do ambulatório, ele tem que ter condições de internar o pronto-socorro.

SK - Claro!

EP - Quando eu digo pra você que engana, é exatamente isso. Então realmente pra você trabalhar num hospital daquele, pra dar um atendimento... É um hospital, se você for fazer uma análise, é ocioso! Pelo número de leitos que ele tem. E pelo número de atendimentos que presta. Aí você pega lá o hospital de Base e vê a diferença. Aí realmente não tem condições de acompanhar.

SK - É.

EP - Que o pronto-socorro é a entrada de tudo.

SK - É verdade. Esses candangos que vinham, enfim, que foram povoano né, não só Brasília, mas ao entorno. Eles vinham... Eles eram concentrados, assim, de origem, de uma região ou era de tudo quanto era lugar? O senhor lembra?

EP - De todos os lugares.

SK - De todos os lugares.

EP - Agora, teve o Nordeste que mandou muita gente e Minas Gerais por causa da proximidade e (?).⁴³⁴³.

SK - Da proximidade. É mais Nordeste, Minas e do Sul não vinha muita gente? Do Sul vinha gente? Do Sul.

EP - Agora, mas se você for observar mesmo naquela época, dos trabalhadores, a maioria que a gente recebia era Nordeste, Goiás e Minas. E as famílias também que se vinham como aventureiros pra montar um serviço ou outro, era desses três lugares. Quer dizer, especificamente. Agora, São Paulo, do Rio de Janeiro, até mesmo de outras capitais vinham. Mas o quê que eram? Eram os funcionários públicos que já vinham...

TR - Se instalar.

SK - Que vinham se instalar.

⁴³⁴³ aber sobre Minas Gerais – proximidade e ?

EP - ...Com a transferência e tendo aquela ajuda financeira ali além do apartamento. O caso é esse.

TR - E o grupo das pioneiras sociais, elas fizeram alguma coisa em relação a saúde aqui em Brasília?

EP - As pioneiras sociais quando tinha... Era a Sara né?

TR - Isso.

EP - A dona Sara uma (?). A maior obra foi pra lá que foi o hospital Sara, além dos outros serviços sociais que se faziam ali. Que foi uma verdadeira mãe pra maioria das famílias pobres em Brasília. Sempre prestaram um serviço muito bom. E sempre querendo ainda coisas melhores ainda. Que você tem que admitir que a dona Sara foi uma apaixonada também por, por Brasília. E querendo acompanhar o trabalho do Juscelino, ela não brincava em serviço não. Pra você ver a verba que eles conseguiram pra construir lá esse hospital, o Sara Kubitschek. É tanto que recebeu o nome dela.

SK - É, é verdade.

EP - É o reconhecimento. Mas é exatamente por isso. Tem verba ali, até do governo alemão tem lá. Foi um trabalho que ela fez assim de arrecadação com expressão para Brasília. E é um trabalho, realmente, mérito. E a turma acompanhava. Você quer ver outra? O edifício das pioneiras sociais. Em frente ali... Conhece lá, né?

SK - Não, não conheço.

TR - Não, não conheço. É a primeira vez que venho.

EP - É em frente, em frente ao hospital Sara Kubitschek. Aquilo é...

SK - O quê que funciona lá?

EP - Funciona a parte administrativa todinha da administração social e os institutos também pagavam aluguel pra ali. Que foi outra obra também que gerou muitas verbas então para os programas sociais em Brasília. Ela não brincou em serviço não.

SK - Foi uma boa ideia então a mudança da capital pra cá, doutor Édson?

EP - Uma grande ideia! Você põe grande nisso!

SK - O senhor era mudancista quando veio para cá?

EP - Eu não me preocupei com isso. Eu sempre gostei foi de uma cidade que está nascendo. Certo?

SK - Tanto que foi para Goiânia.

EP - Exato! Fui para Goiânia, depois pensava em Brasília. Então sempre gostei disso. Agora, acontece o seguinte: quando eu fui acompanhando a parte política dessa transferência, eu passei a ser mudancista. De sangue mesmo! Mas por que? Nós tínhamos um Lacerda que metia o cacete lá no Rio de Janeiro, que infelizmente um indivíduo, cuja inteligência, cuja a memória(?)foi levada para o mal. Que se fosse para o bem, porque a memória dele era fotográfica. O indivíduo tinha o primeiro ano de Direito e sabia Direito, mas que muitos professores. Porque ele lia um jornal de dez páginas, citava uma vez, citava nove(?⁴⁴⁴) . Quer dizer, uma memória fotográfica. Mas você vê então o que fizeram simplesmente por causa de questão de política. Agora, o Juscelino, como passei a admirá-lo, como tava... Como te contei no início aí. “Você pode contar comigo!” O quê que eu podia fazer em concreto, se concretizar, porque eu acreditava nele. Porque eu tava vendo a indústria automobilística desenvolvendo, as rodovias crescendo. Veio gente, a concentração. E vê o resultado que deu nisso! Quantas rodovias que você tem hoje que saí de outros pontos que vem pra Brasília e vice-versa.

SK - É, é verdade.

EP - A indústria automobilística desenvolveu muito graças a quê? As estradas também.

SK - Claro! Foi um outro aspecto também do projeto do JK...

EP - Você hoje, você vê Brasília... Você vê Brasília o quê que é? Uma cidade cosmopolita e respeitada. Você vê gente aqui de tudo quanto é raça! De tudo quanto é raça. Agora, infelizmente, o plano essencial, primário mesmo da capital, com esse desenvolvimento brutal que teve, aí já foi difícil de ser administrado. Aí o que eu estava dizendo pra você, esses assentamentos aí. Pra assentar dez, quinze, vinte famílias, vira uma cidade.

SK - É verdade.

EP - Aí você perde o controle. O plano piloto, era previsto para quantos mil habitantes de Brasília? Quinhentos mil. Quanta com quantos agora? Quer dizer, realmente seria uma cidade ideal inclusive para você morar. Hoje você já está tendo problemas das grandes capitais.

SK - Claro.

EP - Você vê o trânsito, o resto...

SK - E o senhor na época, gostou do projeto do Lúcio Costa? Da parte arquitetônica do Oscar Niemeyer? O senhor gostava?

EP - Muito.

⁴⁴⁴ verificar frase

SK - Isso era uma coisa que as pessoas gostavam ou as pessoas achavam aquilo meio esquisito?

EP - Não, achavam. Você tem que admitir o seguinte: que o plano do Niemeyer foi uma coisa espetacular! Simples.

SK - É.

EP - Você vê de quê que ele partiu e o quê que gerou. Mas se você for verificar, o essencial de uma cidade, de uma capital, você tem aqui. Agora, depois veio o Lúcio Costa, que aí sim. Aí já houve algum... Começou a existir algumas modificações que tinham que ser feitas. Que Brasília foi prevista para não ter semáforo. Hoje se você não tiver o semáforo...

SK - É, é. É impossível!

EP - Mas pelo plano original, sim. Outra coisa que eu sou contra o Niemeyer, foi só numa: que ele separou muito a classe média e a classe pobre.

SK - Ah, é?

EP - É, você vê as construções que existem lá nas quatrocentas e você vê aqui, nas dezesseis, nas quinze...

SK - Por que é o quê? As superquadras têm diferenciação de...

EP - Exato!

SK - Quer dizer, tem umas que são para o pessoal que tem mais, mais rico e o pessoal mais pobre?

EP - Eu sinceramente, eu acredito que para o desenvolvimento de um país o que deve existir, não é o que está sendo feito, é não separar o rico do pobre. É aproximar os dois. Qual é a diferença que tem de um cidadão ou uma cidadã rica ou pobre? Não tem diferença nenhuma. Então o tratamento sendo igual, você não indo para o separatismo, você vai conseguir um desenvolvimento muito maior. Que é o caso então que eu estou dizendo para você que a única coisa que eu sou contra no plano, foi exatamente isso.

SK - Ter separado.

EP - Mas você tem que admitir, era comunista, né.

SK - Oi?

EP - Comunista! Então, aí tem lá as ideias políticas dele e tudo que tem a sua influência. Apesar da genialidade dele.

SK - É verdade.

EP - Que realmente é genial!

SK - E a gente já vai encerrando, porque também pra não tomar muito o seu tempo. Eu queria só fazer uma pergunta em relação até isso que o senhor está dizendo. Vou ver se a Tamara quer fazer mais alguma pergunta. Nessa época em que o senhor veio pra cá, né, o senhor está falando exatamente dessa coisa de misturar ricos e pobres e pessoas de diversas origens sociais e raças, enfim, o senhor na época tinha algum posicionamento político assim, algum idealismo político, algum ideário político que tivesse a ver com a sua atuação como e médico e tudo? Como é que é?

EP - Eu sempre me guiei pra aquilo que a minha mãe me ensinou. “Meu filho, seja o que você quiser...” Apesar dela querer que eu fosse médico. “Mas me faça o seguinte: aquilo que você escolher, faça bem.” Então eu sempre me conduzi com isso. Porque político mesmo, já tive até oportunidade de dizer: não sou, nunca fui, não que tivesse político na família. Felizmente. Porque hoje eu vejo os jornais aí hoje...

SK - É.

EP - Tem coisas decepcionantes.

SK - É verdade.

EP - Pra ver o que é. E acabo de ler na ‘Veja’ aí a respeito da mentira, não sei se você leu as páginas amarelas.

SK - Não vi ainda.

EP - Ler que é espetacular!

SK - Não vi ainda.

EP - É exatamente o problema da arte de saber mentir. Um autor que lançou um livro aí agora. E que todo mundo mente, inclusive as espécies como uma autodefesa.

SK - Olha só!

EP - Agora, para ele, o político é aquele que melhor sabe mentir.

SK - Tem uma dimensão da política que era... Até no sentido do que o senhor mesmo fez que é a política social, né. De tá ali atendendo as pessoas.

EP - Porque você tem que admitir o seguinte: o político sabe que ele tá vendendo sonhos, que ele não pode cumprir aquilo. E o que se está ouvindo, gosta. É exatamente aquilo que vê

ali. Então pra ele inclusive o melhor mentiroso que tem na política é aquele que passa a acreditar como o Collor⁴⁵⁴⁵ nas próprias mentiras.

SK - É, é verdade!

EP - Que aquele tem convicção até na maneira de transmitir. É impressionante isso!

SK - Mas o JK foi um bom político, não foi?

EP - O JK foi o seguinte, minha filha: ele além de grande político, você pode fazer a avaliação a seguinte: vê a posição que ele teve. E vê o quê que ele construiu.

SK - O quê que construiu.

EP - Alguém aguentaria? Até desses políticos novos, então nasceu para isso. É um predestinado! Pra não dizer um profeta né?

SK - Claro!

EP - Que é a moda agora! Parece até que até um programa. Não tem um negócio de um profeta agora?

SK - Tem, é uma novela!

EP - É uma novela é? É um predestinado! Que você vê o curso de Medicina que ele fez, como ele trabalhou. Trabalhava ali com... Como é que chama? Esse, esse... É taquígrafo, né? Trabalhava muito. Aquela evolução que ele fez. A vida particular dele toda. Esse problema de amantes, isso aí era real. A Sara sabia disso, ele sabia. Ele nunca misturou. Mas o Juscelino foi um indivíduo que uma vez no Rio de Janeiro, queria ir lá naquele cinema ali no... Como é que chama? Central, ali... Onde passa o ônibus, passava o bonde.

SK - No centro da cidade?

EP - Hein? Do Severiano. É famoso ali!

SK - Ali no centro?

EP - É, é. Não, no centro não. Mas pra baixo. Depois do Catete.

SK - São Luiz?

EP - São Luiz?

SK - Do Largo do Machado?

⁴⁵⁴⁵ verificar se é mesmo Collor.

EP - É de onde vem de Laranjeiras?

SK - Tem uma praça. Isso.

EP - Sabe o que ele fez lá? Tirou a roupa, tirou a... Mudou a calça, foi a pé, deixou o coisa e foi assistir o filme. Ele tinha essas tiradas. Mas você vê o seguinte: ele não misturava. Você via o indivíduo, e eu tive essa oportunidade de ver, ele transformar, mas transformava assim, quando ele vinha fiscalizar o serviço e aquilo que ele pediu pra fazer...

SK - E fiscalizava de perto, né?

EP - Fiscalizava. Era outro! Você pegava ele então já numa sala com um violãozinho ao lado. De cara tirava o sapatinho dele.

SK - E era uma pessoa simples também?

EP - Ele era outro! Então eu digo, um indivíduo desse é predestinado ou não é?

SK - É verdade.

EP - E eu vi então a luta que ele teve pra conseguir dinheiro. Você vê aquele empréstimo, isso também eu assistir. Receber aqueles banqueiros lá do FMI, dos Estados Unidos pra conseguir verbas pra isso aqui. E outra: conversar e mostrar e convencer o... Era o mister Dolli, Dolli, parece, né. Convince-lo e soltar o dinheiro. Quer dizer, isso é qualquer um que faz?

SK - Não, não é. De fato, realmente...

EP - Não é... Agora, então a turma da oposição, você já viu né?

SK - Pegou pesado!

EP - É. De cara, a cidade que não tem esquina!

SK - É.

EP - Lembra disso?

SK - É, isso é uma frase que, né, ficou famosa, né?

EP - Mas exato!

SK - Deixa eu só... Só um minutinho, eu vou ao banheiro⁴⁶⁴⁶. Tamara, você quer perguntar...

⁴⁶⁴⁶ banheiro?

TR - Eu queria perguntar... Eu lembrei de uma coisa agora, que foi a fundação da Faculdade de Medicina de Goiás, em mais ou menos em 1960, se não me engano. Que até era uma coisa até muito comentada nessa Revista Goiânia de medicina.

EP - É.

TR - O senhor ouviu falar sobre isso? O senhor se posicionou? Tem alguma notícia?

EP - Não, o que eu... Não digo leitura, mas o que eu ouço... Você é sobre a qualidade, né?

TR - Não, sobre a fundação, essa movimentação em torno da necessidade de fundar uma faculdade de Medicina em Goiás, porque os médicos não iam para o interior.

EP - Ah, não, não. Até porque eu fiquei em Goiânia inclusive pouco tempo, não é isso? Porque...

TR - O senhor logo veio pra cá.

EP - Eu vim pra aqui pra retornar e não retornei. Em Goiânia eu não fiquei talvez um ano. Ou fiquei um ano aí. Então acompanhei muito, depois eu vim e me desliguei completamente. A não ser através dos amigos que continuam lá e me mandavam as revistas ou uma coisa ou outra que o... O próprio Jofre me mandava às vezes uma revista. O Jofre Parada que era engenheiro. Ele sabia disso, ele vinha e trazia.

TR - É, porque eles diziam que os médicos se formavam e não iam para o interior, né? Aí por isso, eles queriam construir uma faculdade em Goiás para os médicos trabalharem ali naquela região.

EP - Não, não. Aí eu não posso ajudar em nada, nada.

M - Já viram?

TR - Como?

M - Já viram?

TR- Pode falar! A gente viu. Passou, ele mostrou pra gente as fotos. Vou dar uma parada aqui. (Interrupção da gravação)

SK - A senhora quando chegou aqui, gostou dona Marilda? Como é que foi?

M - Ah, eu tinha 17 anos...

SK - Eu vi, eu vi a foto do ônibus.

EP - Pois é, aí.

TR - Ela falou que era muita poeira, elas vinham tudo de lenço na cabeça.

M - Olha, não existia essa estrada!

SK - Senta aqui, dona Marilda!

M - Não, não, minha filha. Vou pegar outra cadeira.

EP - Ela não resistiu ao meu charme e veio correndo até aqui.

SK - É. Valeu a pena então ter vindo. Olha só! Olha!

M - Então, é aquela foto.

SK - Aliás, é uma bela foto, né.

M - É o grupo do colégio. Nós viemos aqui pra visitar e eu tinha começado a namorar o Édson, que começou em Goiânia.

SK - Olha que lindo!

M - Aí viemos aqui... Fazendo o Palácio, tá vendo?

SK - Que linda essa foto!

M - Essa é a construção da capela lá do Palácio.

SK - Olha só, ela lá no Palácio.

M - Do Alvorada.

SK - Muito bonita a foto!

TR - Quem tirava essas fotos?

M - Deve ter sido algum candango que tava lá e tirou. Pediu pra tirar. Algum engenheiro que tava lá. (?) Engenheiros e médicos, né.

SK - Como é que foi com a criação da universidade de Brasília? o pessoal que estava aqui, já os médicos, eles foram, foram pra faculdade dar aula? Não teve nada, foi uma outra coisa?

EP - Aí foi Darci Ribeiro, né? Aí foi completamente...

SK - Vocês não tiveram participação nisso?

EP - Nenhuma, nenhuma.

SK - ‘Brasília vai bem, obrigado! Esforço solitário bem lançado contra endemias rurais.’ Ah, que interessante!

EP - Tá aqui, oh! É esse que eu queria te mostrar!

SK - É uma matéria de uma revista, isso?

M - Era. ‘Visão’ que chamava a revista.

SK - ‘Visão’, de quatro de outubro de cinquenta e sete.

EP - Aqui, isso aqui é o isolamento que eu te falei.

SK - Ah, é! O senhor estava falando! Aqui, oh... Deixa eu ver aqui. Aqui: “Desinsetizou⁴⁷⁴⁷ toda a zona, inclusive cidades vizinhas, eliminando o Barbeiro, muito frequentes. Não foram encontrados mosquitos transmissores da malária.” Ah, interessante. Isso aqui está dizendo o que o Departamento Nacional de Endemias fez, né?

EP - É.

SK - Teve uma preocupação grande com tuberculose também, né, doutor Édson? A gente estava conversando.

EP - Foi. (?) esqueceu, mas teve. Veio o Tolentino.

SK - Hum, hum.

EP - Ele veio. Foi de Goiás que ele veio?

M - Não, ele é do Sul.

EP - É do Rio né?

Fita 3 - Lado A

SK - É porque a gente na verdade... O que é interessante até desse projeto que a gente tá estudando, não só, né, levantar as informações sobre esse período tão importante, né da medicina, do começo. Imagina: a medicina como um fator fundamental de construção da própria cidade, né? E também até um pouco assim, a gente também tem como preocupação

⁴⁷⁴⁷ verificar ortografia - dedetizar?

essa imagem do médico do interior, por exemplo, que o senhor até falou em relação lá ao período da sua formação. Porque na verdade, quem... O senhor me corrija se eu estiver enganada, mas a imagem que a gente tem é que esses médicos que atuaram aqui, eram principalmente médicos que conheciam a realidade do interior, né.

EP - Você está certa sim. É exatamente isso.

SK - Porque lá, os médicos que estavam no Rio de Janeiro tinham uma outra realidade ou uma outra visão, né?

EP - É, eles quando eram convidados politicamente para vir chefiar algum serviço, aí sim, aí eles vinham. E é aqueles que eu lhe disse. Que vinham mais para ver a possibilidade de ser instalar aqui...

SK - Claro!

EP - E ver o que poderiam ganhar futuramente.

SK - Agora o que é interessante também, doutor Édson, é que a gente lê, né, os documentos, por exemplo, no, do início... Da primeira metade do século vinte, né, falando sobre essa região do interior, principalmente de Goiás, né, como uma terra que tinha muita gente doente, né, as endemias e tudo. Essa era uma imagem que se tinha do, do... Dessa região? E Brasília exatamente foi construída nessa região, quer dizer, como é que era isso na época? O senhor se lembra assim de ter uma imagem de que essas regiões de Goiás que fosse uma região que tinha muita gente com... Ou com... Como a gente falou, essas doenças típicas do interior, né? De verminose...

M - (?) - Doenças de Chagas.

SK - Ou mal de Chagas. Isso era uma imagem forte pro senhor na época ou não?

EP - Não, não... Sinceramente eu nunca observei. Porque a tudo que chegava aqui, eles tinham uma visão e qual era? O trabalho. Haja visto que se trabalhava vinte e quatro horas por dia. Principalmente esse pessoal e eles não vinham preocupados como era Brasília. E só mais tarde quando começou, aquelas pessoas que já tinham condições, já tinham em outros estados, já tinham tido os seus progressos lá e tudo. E queriam então modificar e conhecer. Mas no início não houve, no início...

M - Tá gravando?

SK - Tá.

M - (?)

EP - Não se pensava o quê que era Brasília, nem nada.

SK - Pode falar.

TR - Pode falar.

SK - Pode falar dona Marilda.

M - Quando eles chegaram aqui, os habitantes que passaram a viver em Brasília, não eram nem de Goiânia, pelo contrário, que não existia nem Goiânia.

SK - É.

M: Essa região, era uma região ainda, né, desabitada.

SK - É, vazia, né.

M - Então quem veio para cá: foi os nordestinos que vieram nesses caminhões, esses candangos que vieram pra construir Brasília, não eram daqui. Então trouxeram outras informações, é por isso que aqui a gente fala 'os candangos'. A gente... Houve uma miscigenação de...

SK - Uma mistura muito grande!

M - ...De raças. Porque foi interessante que cada um trazendo a sua contribuição. Mas goiano aqui mesmo acho que nem existia.

SK - Hum, hum. Eram mais trabalhadores do Nordeste, Minas.

M - Então não tem essa visão pra falar que pessoas daqui tinham essa doença de Chagas, que não sei o quê. Teve, no interior do Brasil todo...

SK - Claro!

M - ...Teve, né? Em Minas, Goiás, tudo teve. Mas aqui na região de Brasília, eu acredito que não...

SK - É, até porque não tinha nada. É, não tinha nada.

M - ...Porque não existia nada. Existia uma cidade aqui pertinho, existe, né. Luiziana, Formosa, né, mas essas pessoas não se mudavam para Brasília. Que goiano, ele é mais reservado, ficou lá na cidade dele. Ele não veio pra Brasília. Os que vieram, são as pessoas que migraram (?). São os nordestinos que vieram mesmo, eles que foram a força do trabalho. Da construção de Brasília. Então eu acho que as ideias eram outras.

SK - É, é verdade! Eu estava até perguntando para o doutor Édson, se ele era mudancista antes de vir pra cá, né? Porque o doutor Isaque, ontem estava contando pra gente, que ele desde que começou a ser entender quis ser mudancista.

M - Eu acho que todos nós (?). Tanto é que nós tínhamos muito medo da mudança, do sair...

SK - Mas o senhor sendo do Triângulo Mineiro tinha uma... Tinha uma ideia de levarem a capital pro Triângulo Mineiro uma época. O senhor lembra alguma coisa disso?

EP - Exatamente o... Ia ficar perto até da minha cidade, de Araguari, né?

SK - AH, é? Ia ficar onde? Ia ficar onde essa capital? O plano era ficar onde?

EP - Porque ela pegava ali, exatamente no lado de Minas. Pegava o Triângulo Mineiro, quer dizer, todinho. Daquele local, onde você conhece bem. Uberlândia, Uberaba.

SK - Ia ser ali? Quem defendia isso, doutor Édson?

EP - Mas via que não tinha condições.

SK - Mas isso era só os mineiros, só?

M - Era um grupo de mineiros.

EP - É. Porque pegando o Triângulo Mineiro, não tinha condições ali que a gente via pra suportar. Que você vê Brasília aqui, a estrutura, a infraestrutura que tem pra absorver todo movimento do país, né? E aquilo ali tá enclausurado ali. Aqui não, aqui é aberto.

SK - É tudo aberto.

EP - A visão, a visão realmente foi muito grande. Era a profecia do dom Bosco, né?

SK - Ah, é!

EP - É exatamente isso aí!

SK - Doutor Édson, o senhor teria depois pra nos fornecer um currículo seu que a gente pudesse anexar a sua entrevista, com os seus dados... Um currículo ou alguma coisa assim? Pode mandar depois, não precisa ser agora não. Se não tiver...

EP - Não, ter eu tenho, agora aonde...

SK - É, mas não tem pressa não. Depois o senhor procura.

EP - Eu te mando um e-mail.

SK - É?

EP - É.

SK - A gente pode ver por e-mail. É só porque, às vezes, algum dado ou outro que a gente não...

EP - Não, eu te mando um e-mail.

SK - ...Que a gente não complementou, né?

EP - Eu te mando o currículo.

SK - Tá certo. Você quer fazer mais alguma pergunta, Tamara?

TR - Não.

SK - Tá. A gente... Eu vou encerrar então pra gente ter um tempinho aqui de ver mais esses documentos aqui, preciosos, aqui que o doutor Édson tem.

(Dona Marilda fala sobre alguém que está chegando)

SK - Ele tá chegando? Ah, então tá. Olha eu queria muitíssimo, tá bom, doutor Édson? Esse seu depoimento...

EP - Sabe que é um prazer muito grande em poder... Lhe satisfazer, quer dizer, porque o trabalho que você vem prestando aí, realmente é importante. E eu sou muito favorável, inclusive, a esse trabalho em forma de pesquisa, de divulgação e de constatação dos fatos pra permanecerem na história.

SK - Claro!

EP - Enfim para uma consulta empírica. Então no que eu puder ajudar nisso aí, dentro das minhas limitações, pelo contrário, eu tenho muito prazer.

SK - É, a gente agradece muito! Porque é um depoimento precioso! Tá bom? Muito obrigada.

TR - Obrigada.

SK - Eu vou desligar aqui...

EP - Muito obrigado também pela sua preocupação em me descobrir aqui!

SK - Ah, pois é! Que bom, que bom!

EP - Só a simpatia de vocês duas...

SK - (risos) Muito obrigada!